

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
BACHARELADO EM LETRAS: TRADUÇÃO

THALES NASCIMENTO BUZAN

**O papel das pausas cognitivas e da experiência tradutória na interpretação
consecutiva**

JUIZ DE FORA

2025

Thales Nascimento Buzan

O papel das pausas cognitivas e da experiência tradutória na interpretação consecutiva

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras
Estrangeiras Modernas da Universidade
Federal de Juiz de Fora como requisito
parcial à obtenção do grau de Bacharel
em Letras-Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia
Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

Coorientadora: Profa. Dra. Maria
Cristina Lobo Name

JUIZ DE FORA

2025

Thales Nascimento Buzan

O papel das pausas cognitivas e da experiência tradutória na interpretação
consecutiva

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras
Estrangeiras Modernas da Universidade
Federal de Juiz de Fora como requisito
parcial à obtenção do grau de Bacharel
em Letras-Tradução.

Aprovado em 19 de agosto de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda — Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Maria Cristina Lobo Name — Coorientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Carolina Alves Magaldi

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Clara Nóvoa Gonçalves Villarinho

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me deram suporte e condições para estudar.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar estes agradecimentos fazendo uma pequena reflexão. A ideia para este Trabalho de Conclusão de Curso nasceu, antes de tudo, de uma paixão pessoal pelo bilinguismo e por tudo o que ele implica — cognitiva e linguisticamente. Foi também motivado por uma curiosidade crescente sobre o quanto a prosódia pode ser informativa na comunicação oral, especialmente em contextos tão desafiadores como a interpretação consecutiva. Esta pesquisa representa, de certo modo, uma incursão inovadora dentro do escopo do Bacharelado em Tradução, ao propor uma análise fonético-cognitiva que até então não havia sido explorada com essa abordagem no curso. Ao mesmo tempo, ela marca um novo percurso dentro dos meus estudos psicolinguísticos e prosódicos, explorando outro aspecto que, de certo modo, dialoga com minha pesquisa de doutorado. Por tudo isso, este trabalho é não apenas uma exigência curricular, mas um reflexo de uma trajetória pessoal e acadêmica que se entrelaça com desejos, redirecionamentos e, sobretudo, entusiasmo genuíno pela pesquisa científica. Diante disso, inicio meus agradecimentos.

Primeiramente, agradeço meus pais, que me inspiram todos os dias a seguir meus sonhos e desejos.

Agradeço o corpo docente da faculdade de letras, tanto no percurso da minha primeira graduação em inglês e português, quanto da graduação em tradução – particularmente minhas orientadoras, Patrícia e Cristina, por toparem a ideia deste trabalho. A seriedade e dedicação que possuem me motivam e me impulsionam!

À banca examinadora, Carolina Magaldi e Clara Villarinho, pela leitura atenciosa e pelas valiosas contribuições e comentários.

À coordenação do Bacharelado, principalmente Carolina Magaldi e Charlene Miotti obrigado pela assistência durante todo o curso, principalmente na etapa final.

Aos meus amigos e amigas, especialmente Alice, Fernanda, Larissa e Luísa, que sempre estiveram presentes (ao longo desses 9 anos) e me ouviram falar sobre os devaneios deste trabalho. O *feedback* e companhia de vocês foi essencial para a realização e conclusão desta pesquisa.

Aos participantes do experimento. Sem vocês, nada disso seria possível!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo investigar o papel das pausas cognitivas na interpretação consecutiva, observando de que maneira a experiência tradutória influencia sua ocorrência, seu tipo e sua duração. Para isso, comparou-se o desempenho de dois grupos, intérpretes profissionais com experiência e estudantes de tradução ainda em formação, por meio de uma tarefa de interpretação consecutiva de uma palestra em formato de *TED Talk*. A pesquisa toma como objeto as pausas silenciosas (SIL) e preenchidas (FIL e HES), compreendidas a partir da distinção entre pausas fisiológicas e pausas cognitivas proposta por Zellner (1994). O estudo ancora-se teoricamente nos modelos de Seleskovitch e Lederer (1984), nos Modelos de Esforço de Gile (1995) e em investigações empíricas contemporâneas sobre interpretação (Bakti; Bóna, 2023; Freitag, 2019). A metodologia utilizada é mista, combinando análises qualitativas (observação do contexto de ocorrência das pausas) e quantitativas (medição da duração, frequência e variação das pausas), com o apoio do software *Praat* para segmentação e extração dos dados. Os resultados revelam diferenças relevantes entre os grupos: intérpretes experientes apresentaram pausas mais curtas, maior estabilidade na duração das hesitações e menor incidência de pausas muito longas, sugerindo maior controle cognitivo e fluência. Já os estudantes apresentaram maior variabilidade nas durações e maiores médias para certos tipos de pausa. Conclui-se que a análise das pausas cognitivas pode oferecer contribuições significativas tanto para a compreensão dos processos mentais envolvidos na interpretação consecutiva quanto para o aprimoramento da formação de intérpretes.

Palavras-chave: interpretação consecutiva; pausas cognitivas; experiência tradutória; funções executivas.

ABSTRACT

This undergraduate thesis aims to investigate the role of cognitive pauses in consecutive interpreting, examining how translation experience influences their occurrence, type, and duration. To this end, the performance of two groups — experienced professional interpreters and translation students in training — was compared through a consecutive interpreting task based on a segmented TED Talk-style lecture. The research focuses on silent pauses (SIL) and filled pauses (FIL and HES), drawing from Zellner's (1994) distinction between physiological and cognitive pauses. The theoretical framework is grounded in the models of Seleskovitch and Lederer (1984), Gile's Effort Models (1995), and recent empirical research in interpreting studies (Bakti; Bóna, 2023; Freitag, 2019). The methodology combines qualitative analysis (observing the contextual occurrence of pauses) and quantitative analysis (measuring duration, frequency, and variation of pauses), using the Praat software for segmentation and data extraction. The results show relevant differences between the groups: experienced interpreters produced shorter pauses, greater consistency in hesitation duration, and fewer excessively long pauses, suggesting stronger cognitive control and fluency. In contrast, the students displayed greater variability in pause duration and higher averages for certain pause types. It is concluded that the analysis of cognitive pauses can offer valuable contributions both to understanding the mental processes involved in consecutive interpreting and to improving interpreter training.

Keywords: consecutive interpreting; cognitive pauses; translation experience; executive functions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Participante 01	38
Figura 2 - Participante 02	38
Figura 3 - Participante 03	39
Figura 4 - Participante 04	39
Figura 5 - Participante 05	39

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Intervalos de Duração por tipo de pausa	41
Gráfico 2 - Média de duração por tipo de break.....	41
Gráfico 3 - Gráficos de dispersão de breaks por duração por participante	42

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Detalhamento dos participantes.....	35
Quadro 2 - Detalhamento da segmentação do vídeo	36
Quadro 3 - Latência inicial por participante	40
Quadro 4 - Resumo do tipo e total de pausas por participante	40

SUMÁRIO

Introdução	12
1. Modalidades de Interpretação e Correlatos Prosódicos	14
1.1. Interpretação consecutiva	14
1.2. Interpretação simultânea	17
1.3. Estudos teóricos comparativos	19
1.4. Estudos empíricos comparativos	20
1.5. Correlatos Prosódicos	21
2. O que são pausas?	25
2.1. Pausas fisiológicas e cognitivas.....	25
2.2. Estudos tradutórios empíricos.....	27
3. Metodologia	34
3.1. Hipóteses	34
3.2. Materiais.....	34
3.3. Participantes	35
3.4. Procedimento.....	36
3.5. Resultados	37
3.6. Análise.....	45
4. Considerações finais	48
Referências	50

INTRODUÇÃO

A interpretação consecutiva é uma prática que exige equilíbrio entre memória, atenção, compreensão e reformulação discursiva, revelando-se um campo fértil para investigações sobre os processos cognitivos subjacentes ao ato tradutório. Fundamentos teóricos como os Modelos de Esforço de Gile (1995), a teoria do sentido de Seleskovitch e Lederer (1984) e estudos sobre carga cognitiva e funções executivas em contextos bilíngues (Moser-Mercer, 1997; Cavallo, 2015) sustentam a compreensão de que a fluência e a coerência na entrega do discurso interpretado não dependem apenas de competência linguística, mas também de estratégias cognitivas refinadas.

Para além do conteúdo a ser interpretado, a prosódia também deve ser considerada na prática do intérprete, isto é, ele deve se ater aos aspectos suprasegmentais que afetam a compreensão oral, como a entonação, o ritmo, a intensidade e as pausas. Nesse cenário, as pausas cognitivas — silêncios que ocorrem durante a produção oral e que não decorrem de hesitações triviais ou necessidades fisiológicas — ganham destaque como indícios observáveis de processamento mental. A análise dessas pausas pode revelar padrões de esforço, sobrecarga ou reorganização discursiva, particularmente quando contrastada entre intérpretes experientes e estudantes em formação. Embora estudos prévios tenham abordado pausas e disfluências em contextos de interpretação (Zellner, 1994; Bakti; Bóna, 2023), ainda são escassas as pesquisas que investigam pausas cognitivas em tarefas de interpretação consecutiva com base empírica no par linguístico português-inglês, em especial no contexto brasileiro.

Diante disso, este trabalho tem como objeto a comparação entre a produção oral de três estudantes de graduação em Tradução (habilitação em inglês) e dois intérpretes com experiência prévia durante a realização de uma mesma tarefa de interpretação consecutiva, a partir de um excerto de uma palestra segmentada em formato de *TED Talk*. A metodologia utilizada conjuga procedimentos qualitativos e quantitativos (Cunha Lacerda, 2016) com análise acústica realizada no software Praat, focando na identificação, categorização e mensuração de pausas cognitivas dos tipos SIL (silêncio), FIL (pausa preenchida) e HES (hesitação).

Partindo da hipótese de que intérpretes profissionais apresentam menor número de pausas cognitivas, menores tempos de latência inicial e maior fluidez geral na entrega do discurso, busca-se verificar em que medida a experiência atua como fator modulador dos processos cognitivos envolvidos na interpretação consecutiva. Espera-se, ainda, que os estudantes demonstrem maior tempo de hesitação e uso de pausas preenchidas como forma de compensação cognitiva. Assim, esta investigação pretende contribuir tanto para o avanço dos estudos empíricos em interpretação quanto para reflexões pedagógicas no treinamento de intérpretes.

Desse modo, o presente trabalho está organizado da seguinte forma: o Capítulo 1 apresenta o referencial teórico sobre interpretação consecutiva e simultânea, bem como estudos sobre prosódia e pausas cognitivas; o Capítulo 2 descreve a metodologia utilizada, incluindo hipóteses, participantes, materiais e procedimentos; o Capítulo 3 expõe a análise dos dados coletados; e o Capítulo 4 traz as considerações finais, com implicações pedagógicas e sugestões para pesquisas futuras.

1. MODALIDADES DE INTERPRETAÇÃO E CORRELATOS PROSÓDICOS

Neste trabalho, adotamos a definição de interpretação de Pöchhacker (2004, p. 11) a partir das considerações de Otto Kade (1968, apud Pöchhacker, 2004) que a define como “uma forma de Tradução na qual a primeira e última versão em outra língua é produzida com base em uma apresentação única de um enunciado na língua fonte”¹. Acreditamos que tal definição abarca as interpretações orais e de línguas de sinais e marca a diferença entre tradução e interpretação na apresentação de algo efêmero e de produção imediata.

Desse modo, delimitamos nossa investigação no campo da interpretação oral, que, nos Estudos da Interpretação, tradicionalmente divide-se em duas modalidades principais: a interpretação consecutiva e a interpretação simultânea. As subseções seguintes tratam dessas modalidades, salientando suas vantagens e seus desafios, bem como destacando o possível gasto cognitivo em ambas. Além disso, apresentamos alguns trabalhos teóricos e empíricos que buscaram comparar e contrastar as modalidades em termos de precisão tradutória, limitações contextuais e carga cognitiva. Por último, apresentamos correlatos prosódicos basilares de modo a fundamentar o seguinte capítulo, que caracterizará as pausas, nosso objeto de estudo neste trabalho.

1.1. INTERPRETAÇÃO CONSECUTIVA

Pagura (2003) define a interpretação consecutiva como aquela em que o intérprete ouve um trecho significativo do discurso (às vezes o discurso inteiro), geralmente tomando notas e, só então, reproduz o conteúdo na língua de chegada. Ou seja, o orador fala por alguns minutos e faz uma pausa para que o intérprete transmita a mensagem ao público-alvo. Já a interpretação simultânea ocorre em tempo real, com o intérprete convertendo a fala para a outra língua enquanto o orador continua falando, normalmente com auxílio de equipamentos, como cabines acústicas, microfones e fones de ouvido. Na simultânea, intérprete e orador falam quase ao mesmo tempo, havendo apenas uma breve defasagem que, segundo Pagura (2003, p. 212):

¹ Original: “Interpreting is a form of Translation in which a first and final rendition in another language is produced on the basis of a one-time presentation of an utterance in a source language.”

Esse breve espaço de tempo recebe o nome tradicional de “*décalage*”, termo francês usado em todo o mundo. Uma outra forma de se realizar a interpretação simultânea é a chamada “interpretação cochichada” ou “*chuchotage*” — outro termo em francês usado por intérpretes de todo o mundo —, em que o intérprete se senta próximo a um ou dois ouvintes e interpreta simultaneamente a mensagem apresentada em outro idioma.

Em ambos os modos, o objetivo é transmitir com fidelidade o sentido e o tom da mensagem original, no entanto as condições de trabalho e habilidades exigidas diferem bastante entre si.

Na interpretação consecutiva, o intérprete encontra-se próximo ao orador, de pé ou sentado ao seu lado, munido de bloco de notas e caneta ou celular, ou em uma videoconferência. Conforme o orador discursa, o intérprete toma notas cuidadosamente e ouve ativamente, segmentando mentalmente as informações. Quando o orador pausa ou conclui o trecho, o intérprete então reproduz o discurso na língua de chegada, geralmente falando na primeira pessoa como se fosse o próprio orador, transmitindo conteúdo, tom e intenção comunicativa. Normalmente, os segmentos na consecutiva moderna são curtos — em torno de 5 a 10 minutos ou menos — pois discursos muito longos aumentam o risco de omissões por sobrecarga de memória e anotação. Pagura (2003) afirma que há décadas os intérpretes consecutivos podiam memorizar 20–30 minutos de discurso, mas hoje considera-se 10–15 minutos um trecho bastante longo, a não ser que se recorra a pausas frase a frase em contextos especiais.

A interpretação consecutiva impõe demandas intensivas à memória de longo prazo e de trabalho. O intérprete precisa compreender, armazenar e reformular um trecho completo em outra língua com apenas sua memória e poucas anotações. Como destacam Christoffels e De Groot (2005 *apud* Cavallo, 2015), nesse modo, o maior desafio é reter informações por um intervalo enquanto se estrutura mentalmente a mensagem para posterior emissão — a tomada de notas é crucial para aliviar a carga da memória. Entretanto, tomar nota e ouvir simultaneamente não é trivial — requer treinamento para decidir o que (não) anotar (informações centrais VS informações periféricas) enquanto se mantém a compreensão do discurso. Em outras palavras, o intérprete consecutivo primeiro foca em ouvir e entender enquanto anota pontos-chave e depois, em um segundo momento, foca em recuperar da memória/nota e falar. Embora o intérprete consecutivo não precise falar ao mesmo tempo em que ouve

o original, ele enfrenta o desafio de lembrar-se com exatidão de informações potencialmente extensas, articulando-as de forma coesa e fiel após um intervalo, o que nem sempre é possível. Não por acaso, muitos intérpretes consideram a consecutiva tão ou mais extenuante mentalmente quanto a simultânea, apesar de não ocorrer sob a mesma pressão de tempo real.

Diferentemente da simultânea, a consecutiva não requer equipamentos eletrônicos, tornando-a adequada para reuniões menores, visitas guiadas, negociações bilaterais e contextos em que instalar cabines seria impraticável. Por ser feita face a face, ela tende a ser mais interativa: o intérprete pode olhar diretamente para o orador e ouvintes, usar linguagem corporal, e há espaço para solicitar esclarecimentos caso algo não tenha ficado claro. Isso dá ao intérprete consecutivo maior controle da situação comunicativa — ele pode, por exemplo, pedir que o orador repita um nome ou explique um termo desconhecido, garantindo maior precisão terminológica (Ibanez, 2023).

Naturalmente, a consecutiva apresenta desvantagens em certos contextos. A principal é o fator tempo: como o intérprete só fala após o orador terminar um segmento, o evento pode durar praticamente o dobro do tempo que duraria se houvesse interpretação simultânea. Em conferências com limites de tempo estritos ou múltiplos idiomas, a consecutiva pura é inviável. Por isso, ela é hoje reservada a situações em que a precisão e a interação são mais importantes que a rapidez, ou quando não há infraestrutura para simultânea — reuniões de negócios mais informais por videoconferência, por exemplo, podem optar pela consecutiva em vez da simultânea, entretanto presencialmente, com a devida estrutura, prefere-se a simultânea. Além disso, nem todos os oradores estão dispostos a pausar frequentemente, o que requer um acordo prévio de disciplina. Outro desafio é que a qualidade da consecutiva depende muito da capacidade individual de memória e de tomada de notas do intérprete — os menos experientes podem omitir detalhes importantes se o segmento for longo ou se não dominarem ou não desenvolverem suas técnicas de anotação. Ainda assim, quando bem executada, a consecutiva é considerada altamente precisa e eloquente, muitas vezes produzindo traduções em estilo de discurso contínuo que soam muito naturais na língua-alvo.

1.2. INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA

Na interpretação simultânea, todas as etapas ocorrem quase ao mesmo tempo: enquanto ouve a fala original por fones de ouvido, o intérprete analisa a mensagem e simultaneamente a reproduz em outra língua por meio de um microfone. Essa sobreposição de tarefas é o que diferencia fundamentalmente a simultânea da consecutiva. O intérprete geralmente trabalha de dentro de uma cabine isolada acusticamente, com visão para o orador através de um vidro, e seu público ouve a tradução por receptores com fones. Essa modalidade permite que diversos idiomas sejam atendidos ao mesmo tempo — por exemplo, em um congresso internacional, é comum ter equipes de intérpretes simultâneos para inglês, francês, espanhol etc., todos traduzindo ao mesmo tempo o mesmo discurso para suas línguas-alvo. Foi graças à simultânea que eventos multilíngues de grande escala se tornaram viáveis no pós-guerra, pois ela elimina as longas pausas da consecutiva e não duplica a duração das sessões (Ibanez, 2023).

A simultânea é frequentemente descrita como uma das atividades cognitivas mais complexas, pois o intérprete deve executar múltiplos processos mentais em paralelo. Pöchhacker (2004) aponta que, nessa modalidade, o intérprete realiza essencialmente as mesmas ações da consecutiva — ouvir, compreender, analisar a estrutura do discurso e reproduzir na outra língua —, porém todas ao mesmo tempo. O intérprete simultâneo está ouvindo uma ideia, formulando a tradução da ideia anterior e armazenando a próxima — tudo simultaneamente em fluxo contínuo. A necessidade de gerenciar essa carga mental é o principal desafio: qualquer atraso excessivo pode causar um “engarrafamento” cognitivo. Assim como Pagura (2003), o autor define esse intervalo de defasagem (*time lag* ou *décalage*) entre fala original e tradução como um intervalo temporal de poucos segundos que se mantém durante toda a interpretação; ele deve ser curto o bastante para não perder informação, mas longo o suficiente para compreender frases inteiras antes de traduzi-las, o que exige agilidade cognitiva e alto grau de concentração do intérprete.

Outra habilidade fundamental na simultânea, destacada pela *European Commission* (2025), é a antecipação. Como o intérprete não pode esperar o orador terminar a frase para começar a traduzir, ele frequentemente precisa prever o desfecho de construções frasais para não ser pego de surpresa, especialmente quando a língua de partida tem ordem sintática muito diferente da língua de chegada.

De modo inferencial, a interpretação simultânea pode inerentemente ser menos acurada que a consecutiva, porém isso não parece ser consenso na literatura. Comparando acurácia, Kurz e Debra (2000) analisaram interpretações simultâneas e consecutivas e atestaram que, na consecutiva, havia menos omissões graves — possivelmente graças às notas e à possibilidade de conferir com o orador. Entretanto, a simultânea, quando bem realizada, também pode atingir alto nível de fidelidade. Frédéric Ibanez (2023) aponta que, em certos contextos, como tribunais, a simultânea pode inclusive reduzir erros: o intérprete ouve tudo diretamente, o fluxo contínuo evita perdas de contexto; além disso, não há necessidade de pedir repetição de perguntas em depoimentos, pois elas já são entendidas em tempo real. Ele argumenta que, ao poupar o esforço de reter longos segmentos, a simultânea minimiza lapsos de memória do intérprete, resultando potencialmente em tradução de alta qualidade.

Na prática, muitos profissionais concordam que ambas as modalidades, quando executadas por intérpretes qualificados, atingem níveis excelentes de precisão, e a escolha por uma ou outra geralmente considera mais os aspectos logísticos e pragmáticos – tempo disponível, número de idiomas, natureza do evento – do que a qualidade intrínseca. Em eventos diplomáticos críticos ou entrevistas jornalísticas, por exemplo, pode-se preferir consecutiva curta para garantir que nada se perca e permitir interação; já em conferências técnicas com cronograma apertado, a simultânea é praticamente obrigatória.

A simultânea traz alguns desafios particulares. Um deles é a questão da influência translinguística: como o intérprete está ouvindo uma língua (fonte) e falando outra (alvo) ao mesmo tempo, muitas vezes elementos da sintaxe ou expressões da língua fonte podem influenciar a tradução. Os intérpretes precisam vigiar sua produção para evitar calques, falsos cognatos e padrões entoacionais de ambas as línguas, ajustando a estrutura da frase para que seja o mais natural possível na língua de chegada. Isso pode significar, por exemplo, segmentar frases longas do orador em sentenças menores na tradução, ou mudar a ordem de informações para respeitar a sintaxe do idioma alvo.

As próximas duas seções trazem alguns trabalhos teóricos e empíricos no campo dos Estudos da Interpretação. Nosso objetivo é ilustrar alguns trabalhos importantes da área para o leitor, à troca de não exaustar os trabalhos existentes, nem se ater aos detalhes de cada trabalho citado aqui.

1.3. ESTUDOS TEÓRICOS COMPARATIVOS

Danica Seleskovitch, em seus trabalhos mais citados, Seleskovitch (1978) e Seleskovitch e Lederer (1984), enfatiza que ambas as modalidades se apoiam na extração do sentido, porém defende a importância pedagógica de começar pela consecutiva para inculcar no intérprete a disciplina de se desprender da literalidade e captar o “espírito” da mensagem. Seleskovitch (1978) argumenta que a simultânea não elimina a relevância da consecutiva — pelo contrário, as duas se complementam, cabendo ao profissional dominar ambas. A autora também descreve diferenças pragmáticas: na consecutiva, o intérprete interage mais com o orador, enquanto na simultânea ele é mais neutro, quase invisível dentro da cabine, entregando a tradução sem interromper o orador.

Também em defesa da interpretação consecutiva, Jean Herbert, em Herbert (1952), narra a transição da consecutiva para a simultânea no pós-guerra e alerta que, apesar do “glamour” da simultânea, a arte da consecutiva não deve ser esquecida. Herbert discute, por exemplo, que, na consecutiva, o intérprete desenvolve uma capacidade oratória própria, já que ele refaz o discurso do orador na sua língua como se fosse seu — habilidade menos exigida na simultânea, na qual frequentemente o intérprete tende a reproduzir fragmentos na sequência em que ouve.

Daniel Gile dedicou grande atenção a comparar as duas modalidades em Gile (1995). Ele apresenta os Modelos de Esforço, quantificando aquilo que intuitivamente diferencia as modalidades. Por exemplo, ele nota que a tomada de notas, presente na consecutiva, introduz um esforço extra inexistente na simultânea, mas, por outro lado, a ausência de um produto (*output*) concomitantemente alivia a carga durante a fase de escuta na consecutiva. Já na simultânea, a sobreposição de compreensão e produção é o fator crítico, exigindo gerenciamento rígido da atenção. Gile (1995) também desmonta alguns mitos com base empírica: ele investigou a ideia de que a consecutiva seria sempre mais completa que a simultânea e concluiu que isso depende — intérpretes experientes podem alcançar praticamente a mesma taxa de transmissão de informação na simultânea, desde que o ritmo do orador seja adequado, embora a natureza humana faça com que alguma perda ou condensação seja inevitável em qualquer modo.

1.4. ESTUDOS EMPÍRICOS COMPARATIVOS

Moser-Mercer (1997) investigou empiricamente os efeitos da interpretação consecutiva e simultânea sobre a fadiga mental dos intérpretes. O objetivo principal foi determinar em que momento cada modalidade provoca maior sobrecarga cognitiva e como isso influencia a capacidade de concentração e desempenho do intérprete. Utilizando abordagens experimentais e observacionais em contextos reais e simulados de interpretação, a autora constatou que, na interpretação simultânea, o estresse cognitivo manifesta-se de forma mais rápida devido ao esforço simultâneo de escuta, processamento e produção, exigindo dos profissionais a prática frequente do revezamento em cabines. Já na interpretação consecutiva, observou-se que o esforço prolongado da memória ao longo de múltiplas traduções leva a uma fadiga mais perceptível após a tarefa ter sido concluída, indicando que cada modalidade impõe diferentes tipos e padrões temporais de desgaste cognitivo.

Cavallo (2015) analisou especificamente a carga cognitiva associada à interpretação simultânea, buscando identificar diferenças entre intérpretes profissionais e bilíngues sem treinamento formal, por meio de uma análise comparativa baseada em testes psicológicos e cognitivos. Em seu estudo empírico, constatou que a interpretação simultânea requer um tipo de controle executivo muito mais intenso para gerenciar atenção dividida e operações cognitivas paralelas, enquanto a interpretação consecutiva concentra suas demandas especialmente na memória e na estruturação informacional do discurso ouvido. Com base em achados de Christoffels, De Groot e Kroll (2006 apud Cavallo, 2015), Cavallo também destacou o fenômeno específico do *time lag*, ou *décalage*, mostrando como essa característica única da simultânea representa uma situação singular que desperta interesse específico nas ciências cognitivas, dada a complexidade de processamento mental envolvida.

Finalmente, uma linha mais recente na investigação empírica sobre modalidades interpretativas foi desenvolvida por Hamidi e Pöchhacker (2007), que propuseram uma modalidade híbrida intitulada “simultaneous-consecutive” (*Sim-Consec*). Esse método visa a conciliar as vantagens das duas modalidades tradicionais, combinando técnicas simultâneas e consecutivas com o auxílio tecnológico de dispositivos digitais (gravadores ou *smartpens*). No procedimento investigativo, após um segmento discursivo do orador (em média de 5 a 10 minutos),

o intérprete escuta a gravação recém-feita e interpreta simultaneamente a partir dela, reduzindo a carga sobre a memória e as limitações das notas manuais. Estudos posteriores que testaram esse método (Orlando, 2010; Braun, 2019; Pinto e Quental, 2022) concluíram que a técnica híbrida Sim-Consec melhora significativamente a completude e a precisão da tradução consecutiva tradicional e reduz o esforço cognitivo associado ao uso intensivo da memória. Contudo, também ficou evidente que essa modalidade introduz novos desafios técnicos e uma curva de aprendizado tecnológica específica. Pinto e Quental (2022), em particular, constataram experimentalmente que a Sim-Consec pode ser viável e altamente eficaz em contextos específicos, desde que os intérpretes já possuam pleno domínio das técnicas básicas tradicionais de interpretação consecutiva e simultânea. Os autores reforçam que, apesar das vantagens, a técnica híbrida não substitui o treinamento intensivo nas modalidades convencionais, mas sim complementa e potencializa as habilidades já adquiridas pelos intérpretes profissionais. Salientamos que essa nova modalidade não é oficialmente reconhecida ou adotada por nenhuma instituição, como a Associação Internacional de Intérpretes de Conferência (AIIC), nem por organizações internacionais tradicionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU) ou a União Europeia (EU), que utilizam somente as modalidades de consecutiva e simultânea.

Os estudos teóricos e empíricos nos fornecem um rico panorama: a interpretação consecutiva destaca-se por viabilizar o aprofundamento no sentido mais facilmente, por ser interacional e por ter mais exatidão terminológica, enquanto a interpretação simultânea sobressai na eficiência, instantaneidade e na capacidade de viabilizar comunicações multilíngues complexas. Longe de serem práticas excludentes, as duas modalidades se complementam e, juntas, constituem o cerne da profissão de intérprete. A escolha entre consecutiva e simultânea, portanto, deve levar em conta os objetivos comunicativos e as restrições do contexto.

Em ambas as modalidades, tanto após ler suas anotações e formular sua fala, quanto imediatamente após ouvir a produção do orador e ter que gerar sua própria na língua de chegada, os intérpretes devem se ater à prosódia, isto é, como essa produção oral vai ser passada para o público de modo que seja o mais fluida possível. A seguinte seção trata de aspectos prosódicos basilares para que detalhemos do objeto de investigação deste trabalho: as pausas cognitivas.

1.5. CORRELATOS PROSÓDICOS

Os aspectos prosódicos podem ser analisados via seus correlatos físicos, isto é, analisar “as medidas obtidas a partir do enunciado, chamadas de parâmetros prosódicos ou prosódico-acústicos, que assinalam a informação prosódica desse mesmo enunciado” (Barbosa, 2019, p. 21).

Nesta seção, apresentaremos alguns correlatos prosódicos basilares a partir de Barbosa (2019). A (i) frequência fundamental (F_0), (ii) a duração e a (iii) intensidade são as principais variáveis trabalhadas por pesquisadores para a análise de aspectos prosódicos, particularmente os entoacionais. Por outro lado, podem ser analisados via seus correlatos perceptuais ou psicofísicos, como o (iv) volume, (v) *pitch*, (vi) duração percebida e (vii) qualidade de voz percebida.

A (i) F_0 é o equivalente acústico da frequência de vibração das pregas vocais e corresponde ao número de vezes em que as pregas oscilam em um segundo. Medida em Hz ou em semitons, a F_0 pode ser manipulada pelo falante a fim de cumprir atos comunicativos distintos ao seu enunciado.

A (ii) duração faz referência às unidades linguísticas que estruturam a informação prosódica dos enunciados. As unidades podem ser vogais ou consoantes, mas são mais ordinariamente medidas as durações de unidades silábicas, em milissegundos, e de grupos acentuais, em segundos.

A (iii) intensidade, expressa em decibéis (dB), é uma unidade logarítmica definida em relação a uma amplitude ou intensidade sonora absoluta de referência escolhida em função do uso que se queira fazer da medida. Com relação a esse correlato físico, é comum ouvirmos falar em limiar de audição e volume. O primeiro diz respeito à nossa sensibilidade ao som para frequências² diferentes, por exemplo, para frequências de 1000Hz, somos mais sensíveis ao som do que com frequências de 100 ou 10.000Hz, precisando de um som com intensidade mais alta do que a do limiar de audição para poder ouvi-lo. O segundo diz respeito à maneira como nosso sistema auditivo percebe a sensação proveniente da variação de intensidade, isto é, o volume tem a ver com uma perspectiva psicofísica e é um dos correlatos perceptivos da prosódia, foco dos demais parágrafos deste capítulo.

A começar pelo (iv) volume, trataremos também dos correlatos (v) *pitch*, (vi) duração percebida e (vii) qualidade de voz percebida. O (iv) volume é a sensação de forte/fraco, que varia de acordo com a frequência do som. Estabelece uma relação

² Nos sinais da fala, frequência corresponde ao número de ciclos glotais por segundo (cps). O ouvido humano detecta frequências entre aproximadamente 20Hz e 20.000Hz.

logarítmica com a intensidade de um som, isto é, quanto maior a intensidade, maior será necessário seu aumento para que se perceba um aumento de volume. Por exemplo, o mesmo som em um tom de 50Hz pode precisar de uma intensidade de 40dB para ser percebido como de mesmo volume que um tom de 1kHz com intensidade de 0dB.

Enquanto o volume é a sensação de forte/fraco, o (v) *pitch* estabelece uma relação de grave/agudo. O principal parâmetro acústico que provoca essa sensação é a F_0 , mas o crescimento da sensação não aumenta linearmente com a frequência, já que é também de forma logarítmica e, portanto, F_0 e *pitch* não são a mesma coisa. Além disso, para mesmos valores de F_0 , mas que tenham intensidades ou durações diferentes, a sensação de *pitch* é distinta.

A sensação de tons agudos é provocada pelo aumento da intensidade e a de tons graves é provocada pela diminuição da intensidade ou pela diminuição da duração (s ou ms) para o mesmo valor de F_0 , fazendo com que o *pitch* fique mais baixo. É importante lembrar que o ser humano não consegue fazer diferença entre qualquer frequência, é preciso um limiar entre essas duas frequências e ambas devem compartilhar do mesmo *pitch*.

O penúltimo correlato psicofísico abordado por Barbosa (2019) é a (vi) duração percebida. Ela permite avaliar se uma unidade é longa ou curta quando comparada a outra. Como foi dito anteriormente, o ser humano tem dificuldades para perceber certas oscilações sonoras e não é capaz de discriminar quaisquer diferenças entre valores de duração. Somos mais sensíveis às diferenças de duração entre sílabas átonas em comparação a sílabas tônicas — o que torna o trabalho dos brasileiros aprendizes de inglês muito mais custoso na hora de aprender a diferença entre “live” e “leave”, por exemplo. A percepção dessa duração, portanto, depende da forma como os demais parâmetros acústicos variam ao longo de uma unidade linguística.

Por último, trataremos da (vii) qualidade da voz percebida. Barbosa (2019, p. 33) afirma que, por mais controversa que seja a definição desse correlato, há consenso em considerá-lo uma “resposta perceptiva a um sinal acústico não relacionada nem com acento de *pitch* nem com volume. É uma sensação auditiva relacionada a aspectos da voz compreendidos com relativa facilidade quando evocados”. É o caso de alguns aspectos da voz, como a voz rouca ou murmurada/soprosa, e de alguns modos de fonação, como *creaky voice* (voz laringalizada ou crepitante) ou *harsh voice* (voz tensa), por exemplo.

Nesta pesquisa, elegemos as pausas como o correlato prosódico a ser investigado. A próxima seção apresentará, dessa forma, o que entendemos como pausas e como elas já foram investigadas no campo da interpretação.

2. O QUE SÃO PAUSAS?

Nesta seção, propomos uma delimitação conceitual do que entendemos por pausas cognitivas e pausas fisiológicas, fundamentando-nos especialmente na abordagem de Zellner (1994), que oferece um arcabouço teórico sobre a temporalidade e a função das pausas na fala. Em seguida, apresentamos dois estudos empíricos que contribuem para contextualizar e aprofundar essa discussão: o primeiro, conduzido por Bakti e Bóna (2023), investiga de forma direta o comportamento das pausas em uma tarefa de interpretação consecutiva, evidenciando como a experiência influencia padrões de hesitação e planejamento em um estudo longitudinal; o segundo, desenvolvido por Freitag (2019), adota uma perspectiva mais ampla ao explorar o papel das funções executivas no processamento tradutório, iluminando mecanismos cognitivos que podem, subjacente e silenciosamente, moldar o uso das pausas na produção linguística. Essa articulação entre definições teóricas e dados empíricos visa a fornecer o pano de fundo necessário para a investigação realizada por nós nos capítulos seguintes.

2.1. PAUSAS FISIOLÓGICAS E COGNITIVAS

Zellner (1994) oferece uma análise dos fenômenos temporais na fala, com ênfase especial no papel das pausas e na sua relação com a estrutura prosódica geral. O texto foi elaborado no contexto de pesquisas em fala sintética e reconhecimento de fala, mas traz contribuições conceituais e empíricas para a compreensão da temporalidade na produção linguística humana.

A autora destaca que, para que a fala sintética soe natural e inteligível, é necessário controlar cuidadosamente não apenas a entoação, o acento e o ritmo, mas também fenômenos temporais como prolongamentos silábicos e pausas. Esses aspectos formam o cerne da prosódia e, conseqüentemente, afetam diretamente a percepção de fluência e naturalidade. O capítulo dedica-se, então, a apresentar os múltiplos fatores que influenciam a estrutura temporal da fala e a demonstrar como as pausas se inserem nesse quadro mais amplo.

Um ponto central do trabalho é a classificação das pausas. Zellner (1994) distingue inicialmente duas abordagens principais: (i) uma classificação físico-linguística, que identifica pausas como segmentos acústicos com amplitude insignificante (silêncios) localizados, por exemplo, entre palavras ou no interior de

palavras (como o tempo de *Voice Onset Time* (VOT)); e (ii) uma classificação psicológica e psicossociolinguística, que considera como pausas perceptíveis aquelas que ultrapassam o limiar auditivo humano — tipicamente em torno de 200-250 ms — e que se relacionam a funções gramaticais, semânticas e cognitivas. A autora explora ainda a distinção entre pausas silenciosas (sem emissão sonora) e pausas preenchidas, como alongamentos vocálicos ou hesitações (“uh”, “um”), observando que ambas cumprem papéis importantes no fluxo comunicativo³.

No que diz respeito às origens das pausas, Zellner (1994) evidencia dois grandes grupos: as pausas que dependem de aspectos fisiológicos e as pausas que refletem processos cognitivos. Pausas podem ser fruto da necessidade fisiológica do aparelho fonador (por exemplo, respiração) ou do próprio planejamento motor da fala, que ocorre em ciclos de planejamento, execução e pausa. Contudo, pausas também refletem processos mentais: são sinais externos de operações cognitivas que se desenrolam durante a produção da fala, como planejar o conteúdo informacional e estruturar o discurso. Dessa forma, neste trabalho, elegemos a expressão “pausas cognitivas” para tratar justamente das pausas que refletem esses processos mentais. A autora cita Goldman-Eisler (1968, 1972 *apud* Zellner, 1994), que demonstrou que pausas, muitas vezes, sinalizam o tempo necessário para o planejamento cognitivo “alcançar” a fala. Assim, pausas não devem ser vistas apenas como ruídos ou falhas, mas como elementos estruturadores que ajudam a segmentar o discurso em unidades perceptivamente gerenciáveis — atuando como verdadeiros “marcadores” ou “sinalizadores” para o ouvinte.

O texto ainda discute a relação entre pausas, ritmo e fluência verbal. Zellner (1994) destaca que a produção da fala é rítmica por natureza, sendo regulada por uma espécie de relógio interno, o qual determina a organização temporal de grupos rítmicos. Dessa forma, pausas tendem a ocorrer em locais previsíveis do fluxo da fala. Observações sobre taxas médias de estresse ou sílabas por segundo (Dauer, 1983 *apud* Zellner, 1994) corroboram a ideia de que a fala busca regularidade temporal, ainda que modulada por variações individuais e contextuais.

³ Similarmente, porém sem fazer distinção entre pausas fisiológicas e cognitivas, Barbosa (2022) compreende que as pausas podem ser de dois tipos: hesitativa e não hesitativa. A primeira “é composta de material sonoro e por isso mesmo também é chamada de pausa preenchida” e a segunda é “[...] uma pausa silenciosa ou um alongamento de vogal ou consoante para marcar uma fronteira prosódica no enunciado” (Barbosa, 2022, p. 127).

Na segunda metade do capítulo, Zellner (1994) aborda a noção de *performance structures*, isto é, estruturas psicocognitivas que refletem agrupamentos de palavras baseados em coesão semântica, sintática e prosódica. Experimentos demonstram que pausas longas e frequentes ocorrem entre palavras que mostram pouca coesão, enquanto dentro de grupos coesos as pausas são curtas ou ausentes. Deve-se notar que essas estruturas não coincidem perfeitamente com estruturas sintáticas tradicionais: fatores como equilíbrio rítmico e número de sílabas tendem a influenciar mais fortemente a segmentação temporal do que fronteiras morfológicas ou sintáticas.

Por fim, a autora conclui que pausas e demais fenômenos temporais não apenas incrementam a fluência percebida e a inteligibilidade da fala, mas são elementos centrais para sua naturalidade. O estudo argumenta que integrar pausas silenciosas e preenchidas em sistemas de síntese e reconhecimento de fala é um passo essencial para que tais sistemas evoluam para níveis mais humanos de interação. Essas reflexões também iluminam o papel crítico das pausas como manifestações externas do planejamento cognitivo durante a fala, sustentando que, longe de serem meros lapsos ou erros, as pausas compõem a tessitura fundamental da organização temporal e prosódica do discurso humano.

2.2. ESTUDOS TRADUTÓRIOS EMPÍRICOS

O estudo de Bakti e Bóna (2023) buscou investigar de forma sistemática o papel das pausas silenciosas, pausas preenchidas e alongamentos em tarefas de interpretação consecutiva do inglês para o húngaro realizadas por estudantes de mestrado em tradução e interpretação. O trabalho insere-se em um campo crescente dentro dos Estudos da Interpretação, que busca entender como padrões específicos de disfluências e fluência se desenvolvem ao longo do treinamento e o que eles revelam sobre o processamento cognitivo subjacente à produção do discurso interpretado.

A pesquisa foi conduzida como um estudo longitudinal, acompanhando sete estudantes ao longo do segundo, terceiro e quarto semestres do programa. Os participantes realizaram interpretações consecutivas de textos em inglês de complexidade e extensão comparáveis, com temas relacionados à apresentação de

universidades britânicas e americanas. O ambiente experimental foi controlado e realizado em laboratório, sem audiência presente⁴.

Foram examinados três fenômenos principais: pausas silenciosas, definidas como lacunas sem vocalização entre palavras (distintas de pausas articulatórias como o fechamento de oclusivas surdas), pausas preenchidas, compostas por sons não lexicais como “ö”, “m” e “öm”, e alongamentos, caracterizados pelo prolongamento anormal de sons sem função prosódica específica, não confundidos com alongamentos frase-finais naturais. As ocorrências foram anotadas e revisadas por dois avaliadores, e suas frequências foram calculadas para cada 100 palavras, enquanto as durações médias foram mensuradas no Praat⁵ (Boersma; Weenink, 2024).

Os autores estabeleceram as seguintes hipóteses⁶: (1) esperava-se que a frequência das pausas silenciosas não mudasse ao longo do treinamento, dado que elas cumprem funções variadas como sinalização para o ouvinte ou espaço respiratório; (2) previa-se que a frequência das pausas preenchidas e dos alongamentos diminuísse com o avanço do treinamento, refletindo menor necessidade de estratégias compensatórias durante o planejamento; e (3) estimava-se que a duração tanto das pausas silenciosas quanto das pausas preenchidas se reduziria à medida que os estudantes se tornassem mais experientes.

Os resultados confirmaram parcialmente essas expectativas. Não houve mudanças significativas na frequência de ocorrência das pausas silenciosas, pausas preenchidas e alongamentos ao longo dos semestres, corroborando a primeira hipótese e sugerindo que a simples quantidade desses fenômenos pode ser mais determinada pelo tipo de discurso (no caso, interpretação consecutiva) do que pela *expertise*. Entretanto, houve uma redução significativa na duração média das pausas preenchidas, particularmente entre o segundo e o quarto semestre, validando parcialmente a terceira hipótese. A duração das pausas silenciosas, por outro lado, não apresentou diferenças estatisticamente relevantes entre os períodos. Essa constatação reforça a ideia de que pausas silenciosas não são apenas marcas de dificuldades no planejamento, mas também podem desempenhar papéis

⁴ Os autores defendem, assim como nós, que, apesar da redução parcial da validade ecológica, o delineamento permitiu análises rigorosas dos dados de fala.

⁵ Praat é um software gratuito desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink (Universidade de Amsterdã), amplamente utilizado na fonética para análise e manipulação acústica da fala.

⁶ Apesar de serem chamadas de hipóteses pelos autores, as entendemos como previsões.

comunicativos essenciais, funcionando como “pontuação” prosódica para o ouvinte ou como espaço respiratório.

Além disso, os autores citaram estudos complementares com o mesmo *corpus* que mostraram que intérpretes e ouvintes avaliadores tenderam a dar notas mais altas para trechos interpretados em estágios avançados do treinamento, com uma diminuição de comentários negativos sobre fluência — o que sugere que, embora a frequência absoluta de pausas não tenha mudado, a percepção subjetiva de fluência melhorou, possivelmente devido a pausas mais curtas ou mais bem distribuídas no discurso.

Por fim, o estudo destaca que a redução na duração das pausas preenchidas pode indicar um aprimoramento nas estratégias de ganho de tempo e no controle do planejamento do discurso interpretado, sinalizando que, à medida que a competência interpretativa se desenvolve, os intérpretes continuam utilizando as mesmas ferramentas temporais (como hesitações e preenchimentos), mas de forma mais eficiente e menos custosa em termos temporais.

Essa pesquisa, portanto, oferece contribuições valiosas em um estudo longitudinal para entender como se configuram as demandas cognitivas específicas da interpretação consecutiva e como a fluência temporal se ajusta, não necessariamente pela eliminação das pausas, mas pelo seu refinamento ao longo da formação.

O segundo estudo empírico que trazemos é a dissertação de Freitag (2019), que teve como objetivo central investigar de que forma determinadas funções executivas — a saber, *updating*, o controle inibitório e *shifting* — assim como a experiência prévia em tradução, influenciam o grau de literalidade em tarefas de tradução escrita do inglês para o português. Partindo do pressuposto de que o ato tradutório demanda competências linguísticas e habilidades cognitivas de alta complexidade, Freitag (2019) fundamenta seu trabalho em modelos neuropsicológicos que descrevem as funções executivas como processos essenciais para o manejo de tarefas que requerem atualização constante de informações na memória de trabalho, supressão de respostas automáticas inadequadas e flexibilidade mental para alternar entre diferentes conjuntos de regras. A investigação foi dividida em duas partes, a mensuração das funções executivas e a tarefa de tradução.

Freitag (2019) conceitua as funções executivas segundo o modelo tripartite de Miyake *et al.* (2000 *apud* Freitag, 2019), contemplando especificamente o *updating*, o

controle inibitório e o *shifting*. O *updating* foi definido como a capacidade de monitorar ativamente e atualizar o conteúdo da memória de trabalho⁷, introduzindo informações novas e descartando aquelas que já não são mais pertinentes à tarefa em execução — habilidade fundamental em contextos tradutórios, nos quais é necessário gerenciar continuamente o que já foi processado e o que ainda aguarda tradução ou interpretação. O controle inibitório, por sua vez, foi caracterizado como a capacidade de suprimir deliberadamente respostas automáticas ou predominantes frente a estímulos que possam interferir no objetivo da tarefa, também descrito na literatura como “atenção seletiva” ou “controle de interferências”, por envolver a focalização em estímulos relevantes enquanto se ignoram distrações. Já o *shifting* refere-se à flexibilidade cognitiva para alternar entre diferentes estados mentais, conjuntos de regras ou operações, o que implica não apenas desengajar-se de um esquema mental anterior, mas também se engajar em um novo, podendo, inclusive, demandar um componente adicional de inibição do padrão anterior para permitir a adoção do novo.

A autora formulou um conjunto de hipóteses, prevendo que participantes com melhor desempenho em *updating* (maior porcentagem de letras recordadas), menor efeito Stroop (indicando maior controle inibitório) e menor custo de *shifting* apresentariam traduções menos literais. Hipóteses adicionais consideraram que tradutores com mais anos de experiência profissional, mais tempo trabalhando em empresas de tradução e maior dedicação semanal à atividade tenderiam igualmente a produzir traduções com menor literalidade.

Para mensurar as funções executivas, foram empregados instrumentos consolidados na literatura: a tarefa de n-back (2-back) para o *updating*, que exige que o participante monitore uma série de estímulos e atualize continuamente o conteúdo ativo na memória; a tarefa Stroop, tradicional no exame do controle inibitório, ao avaliar a capacidade de suprimir respostas impulsivas frente a interferências conflitantes; e o *Trail Making Test* (TMT-B), tarefa *Number-Letter* para o *shifting*, que demanda alternância rápida entre sequências numéricas e alfabéticas, evidenciando a flexibilidade cognitiva do indivíduo. Além dos testes, os participantes preencheram um Questionário de Histórico da Linguagem e Atividade Tradutória. Foram testados 49 tradutores (30 alunos e 19 profissionais) com diferentes níveis de experiência

⁷ A autora entende memória de trabalho como possuindo duas funções: armazenamento temporário e processamento de informações. Recomendamos a leitura de Baddeley e Hitch (1974) com seu Modelo Multicomponencial, além de suas reformulações (Baddeley 2000, 2015; Baddeley; Hitch, 2019).

tradutória, buscando aferir se o tempo de atuação e prática poderia moderar ou amplificar a influência dessas funções executivas sobre o produto da tradução.

A segunda parte do estudo consistiu em uma tarefa prática de tradução escrita de trechos em inglês para o português. A autora utilizou dois textos em inglês contendo, ao todo, 20 combinações convencionais, selecionados para evidenciar nuances linguísticas sensíveis ao fenômeno da literalidade. Os participantes realizaram a tarefa em ambiente controlado no software *Translog II*, sem acesso a dicionários ou *internet*, assegurando que as escolhas tradutórias refletissem preferências cognitivas e repertório interno, e não recursos de pesquisa externa. Os textos produzidos foram posteriormente avaliados segundo uma escala que quantificava o grau de literalidade, ou seja, o quanto as escolhas tradutórias se aproximavam ou se afastavam da estrutura lexical e sintática do texto-fonte, indo desde traduções quase literais até reformulações mais adaptadas ao discurso e à cultura da língua-alvo.

Contrariando as expectativas iniciais, o *shifting* — isto é, a flexibilidade mental para alternar entre conjuntos de regras ou tarefas — apresentou uma associação positiva com maior literalidade nas traduções. Em outras palavras, tradutores com melhor desempenho nessa função executiva tenderam, surpreendentemente, a produzir traduções mais literais, sugerindo que a flexibilidade cognitiva não necessariamente se traduz em maior distanciamento do texto-fonte ou em soluções mais criativas no nível discursivo. Já o controle inibitório e o *updating* não mostraram relações estatisticamente significativas com o grau de literalidade, o que desafia a ideia de que a supressão de traduções automáticas ou a habilidade de atualizar rapidamente informações na memória sejam, isoladamente, determinantes para a produção de traduções menos literais. Freitag (2019) aponta que esses resultados podem ser explicados por outros fatores intervenientes, como normas institucionais internalizadas, estilos tradutórios pessoais, insegurança linguística ou mesmo pelo tipo específico de tarefa e gêneros textuais selecionados. Por fim, é ressaltada a importância de não se reduzir o processo tradutório a um mero produto das funções executivas isoladas, defendendo que ele deve ser entendido como um fenômeno multifacetado, no qual variáveis cognitivas, contextuais e culturais se entrelaçam.

A dissertação, assim, contribui de maneira significativa para o campo dos Estudos da Tradução ao questionar relações causais simples entre funções executivas e literalidade, apontando para a necessidade de investigações que

considerem interações mais complexas entre competências cognitivas e fatores pragmático-discursivos. Para além disso, abre caminhos para estudos comparativos como o que estamos propondo aqui, envolvendo modalidades orais, como a interpretação consecutiva, em que as exigências de atualização, inibição e alternância podem manifestar-se de forma ainda mais intensa e impactar não apenas a literalidade, mas também a gestão prosódica do discurso — incluindo o uso estratégico de pausas cognitivas.

A partir das reflexões de Zellner (1994), compreendemos que as pausas na fala não constituem meros hiatos ou lapsos disfluentes, mas elementos estruturadores fundamentais do discurso, podendo ter origens fisiológicas — ligadas, por exemplo, à necessidade respiratória — ou cognitivas, vinculadas ao planejamento linguístico e à reorganização do conteúdo informacional. Esse entendimento foi corroborado empiricamente por Bakti e Bóna (2023), que demonstraram, em um estudo longitudinal com estudantes de interpretação consecutiva, que a frequência total das pausas cognitivas tende a permanecer estável ao longo do tempo, enquanto suas durações se tornam mais curtas à medida que aumenta a experiência, indicando um aperfeiçoamento no gerenciamento do planejamento do discurso. Ainda que centrado na tradução escrita, o trabalho de Freitag (2019) oferece uma contribuição valiosa ao evidenciar como funções executivas, como o *updating*, o *shifting* e o controle inibitório, moldam escolhas tradutórias — sugerindo que esses mesmos processos cognitivos podem estar intimamente ligados ao uso e ao controle temporal das pausas em modalidades orais, como a interpretação consecutiva.

Dessa forma, o presente estudo busca avançar na compreensão do processamento da linguagem ao analisar comparativamente pausas cognitivas em interpretações consecutivas realizadas por alunos do Curso de Bacharelado em Letras — Tradução, com habilitação em inglês, e por intérpretes experiente e profissional. Partimos da hipótese de que o tempo total investido em pausas cognitivas, suas extensões máximas e o próprio atraso inicial podem atuar como marcadores sensíveis da carga cognitiva e do nível de automatização das estratégias interpretativas.

Ao adotar uma abordagem metodológica que articula procedimentos quantitativos e qualitativos, a seção seguinte, dedicada à Metodologia, busca não apenas mensurar a quantidade de pausas cognitivas, mas também interpretar seus usos no encadeamento discursivo, relacionando-os ao nível de experiência dos

intérpretes em formação, experientes e profissionais. Essa estratégia analítica visa a oferecer contribuições relevantes tanto para a compreensão dos processos cognitivos subjacentes à interpretação consecutiva quanto para reflexões de ordem pedagógica, ao iluminar aspectos que podem ser trabalhados na formação de intérpretes para o desenvolvimento de um controle mais eficiente do planejamento e da fluência prosódica.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa busca analisar comparativamente interpretações consecutivas de alunos do Curso de Bacharelado em Letras — Tradução, com habilitação em inglês, e intérpretes experientes. Para isso, busca-se equacionar metodologia qualitativa e quantitativa (Cunha Lacerda, 2016) de modo a analisar as pausas cognitivas presentes. Essa abordagem permite uma avaliação da quantidade de pausas e sua correlação com a experiência dos intérpretes.

Com o intuito de apresentar, de modo minucioso, as questões de cunho metodológico, este capítulo será dividido em hipóteses, materiais, participantes, procedimento e análise e considerações finais.

3.1. HIPÓTESES

Este estudo seguiu três hipóteses: (i) intérpretes com maior experiência profissional apresentarão menor tempo de latência inicial — tempo entre o fim do *input* e o início da interpretação — do que intérpretes iniciantes; (ii) intérpretes profissionais dedicarão menor tempo total às pausas cognitivas — soma de pausas silenciosas, preenchidas e hesitações — durante a interpretação consecutiva do que intérpretes em formação; e (iii) intérpretes experientes apresentarão durações máximas de pausas cognitivas mais curtas do que intérpretes iniciantes.

3.2. MATERIAIS

Utilizamos a *TED Talk*⁸ *Grit: The Power of Passion and Perseverance* | Angela Lee Duckworth | TED, proferida pela palestrante Angela Lee e disponível no YouTube⁹. Trata-se um vídeo narrativo, com duração total de 6 minutos e 12 segundos, no qual Lee conta como sua experiência de vida a fez desenvolver a teoria de que a determinação é um indicador de sucesso. Sua escolha se justifica por ser de baixa complexidade, o que reduz os custos de memória na interpretação consecutiva. Huang (2021) mostrou que, para intérpretes iniciantes, reduzir a complexidade do material a ser interpretado e focalizar tipos de discurso (argumentativo, narrativo e descritivo) facilitam a tarefa de interpretação e otimizam a memória de curto prazo.

⁸ As TED Talks são palestras curtas que focalizam temas de tecnologia, entretenimento e design. Por sua vez, TED é uma organização sem fins lucrativos com o objetivo de disseminar ideias dos mais diversos temas.

⁹ Disponível em: <https://youtu.be/H14bBuluwB8?si=Ei090b2bEuoxIdul>. Acesso em: 10 jul. 2025.

Os áudios foram coletados por um *headphone Steel Series Arctis 9* conectado a um MacBook Air M1. Todos os participantes levaram seus próprios materiais de anotação: caderno ou folha, lápis ou caneta esferográfica e telefone celular.

Como materiais adicionais, temos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)¹⁰, assinado pelos participantes antes do início da atividade, e um questionário de perfil linguístico (Apêndices 2 e 3). O questionário tinha como objetivo coletar informações sobre o histórico linguístico dos participantes, incluindo proficiência em línguas estrangeiras (autoavaliação), experiência prévia com interpretação e contato com a língua inglesa em contextos acadêmicos ou profissionais.

3.3. PARTICIPANTES

Foram voluntários desta pesquisa três alunos da graduação e dois intérpretes com experiência prévia. O perfil detalhado dos participantes se encontra no Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 - Detalhamento dos participantes

Participante	Sexo	Idade	Local de nascimento (estado)	Proficiência em inglês	L2	L3	Experiência prévia
1	feminino	23	Rio de Janeiro	Avançado	Inglês	Espanhol	Não
2	masculino	28	Minas Gerais	Avançado	Inglês	-	Não
3	masculino	23	Rio de Janeiro	Avançado	Inglês	Japonês	Não
4	feminino	49	Minas Gerais	Quase nativo ¹¹	Inglês	Francês	Sim, baixa
5	feminino	40	São Paulo	Avançado	Italiano	Inglês	Sim, alta

Fonte: elaborado pelo autor.

¹⁰ Projeto aprovado pelo Comitê de Ética da UFJF. CAAE: 85816925.1.0000.5147

¹¹ Refere-se a falantes de segunda língua que atingem um nível muito alto de proficiência, com produção e compreensão muito próximas às de um falante nativo, mas ainda com traços sutis que os distinguem. É utilizado em nosso formulário (Apêndice 3), amplamente utilizado.

Os participantes 1, 2 e 3 formam o grupo composto por alunos. Por sua vez, as participantes 4 e 5 compõem o grupo com experiência prévia profissional. A participante 4 é bacharela em tradução da UFJF e relatou ter começado a atuar profissionalmente em 2019, realizando uma média de duas interpretações ao ano nos temas de educação e letras, totalizando 8 horas de trabalho até o momento da coleta — no entanto, não atua exclusivamente com interpretação. A participante 5 trabalha com interpretação profissionalmente desde 2016 e possui um curso de especialização de dois anos em interpretação em simultânea, realizando uma média de 50 interpretações por ano. Os participantes foram recrutados durante o primeiro semestre de 2025, sendo os participantes 1, 2 e 3 alunos da disciplina *Introdução à Interpretação* da Faculdade de Letras da UFJF.

3.4. PROCEDIMENTO

Os dados foram coletados no laboratório do NEALP em uma sala silenciosa. Após a assinatura do TCLE (Apêndice 1), os participantes foram direcionados para a sala em que o experimento foi conduzido. Antes de começarem, receberam instruções acerca da tarefa e do tema da TED Talk (Apêndice 2). O vídeo foi apresentado em sete partes. Após cada segmento, os participantes realizavam a interpretação consecutiva oralmente. A gravação somente foi pausada ao final do vídeo e, ao finalizar, os participantes responderam o questionário de histórico linguístico. A duração total do experimento foi de 15 minutos.

O quadro 2 abaixo detalha a divisão em sete partes do vídeo. Durante o teste, o pesquisador responsável pausou o vídeo manualmente para que os participantes comesçassem a interpretação.

Quadro 2 - Detalhamento da segmentação do vídeo

Parte	Intervalo	Tempo
1	00:00 – 0:54	54s
2	0:54 – 1:48	54s
3	1:48 – 3:01	73s
4	3:01 – 4:08	67s
5	4:08 – 4:52	44s

6	4:52 – 5:28	36s
7	5:28 – 6:12	44s

Fonte: elaborado pelo autor.

A segmentação do vídeo foi realizada com base em dois critérios principais: a duração dos trechos, que não deveria ultrapassar 75 segundos, e o conteúdo discursivo, priorizando pontos em que a palestrante concluía uma ideia. Uma tradutora profissional atuou como revisora, garantindo que os intervalos selecionados fossem otimizados tanto em termos de tempo quanto de coesão temática.

Esse procedimento foi escolhido por se assemelhar ao que acontece durante a prática de interpretação consecutiva na disciplina *Introdução à Interpretação*. No entanto, sabemos que pode não ser reflexo do que acontece em práticas oficiais, nas quais o intérprete pode receber com antecedência o assunto que será tratado e o material que será utilizado em uma palestra ou evento.

3.5. RESULTADOS

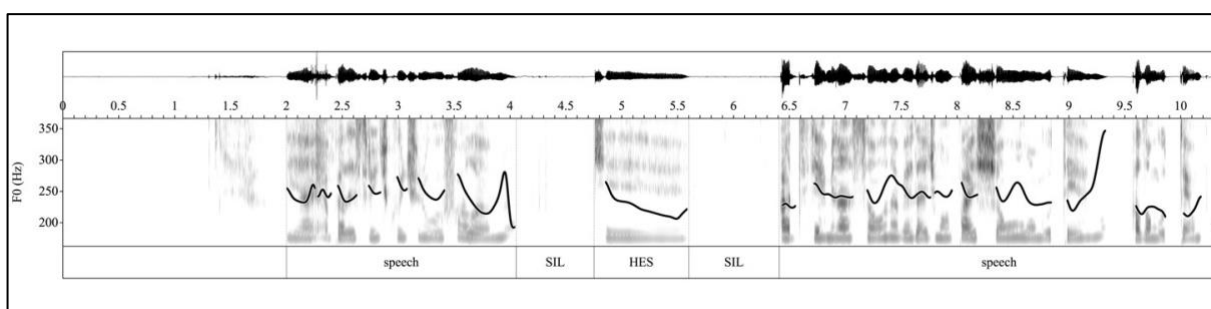
Elegemos a parte 4 para ser analisada com base em pressupostos teóricos sobre o funcionamento cognitivo em tarefas de interpretação. De acordo com Gile (1995), a interpretação consecutiva envolve esforços simultâneos de escuta, memória e produção, cujo equilíbrio pode ser comprometido por fatores como aquecimento inicial e fadiga final. A literatura sobre interpretação (Riccardi, 2005; Bóna; Bakti, 2023) também indica que o desempenho dos intérpretes tende a ser mais estável cognitivamente em segmentos intermediários da tarefa, com menor incidência de disfluências atribuídas ao ajuste inicial ou ao cansaço acumulado. Assim, a parte 4 foi selecionada como momento representativo da produção sob condições de maior equilíbrio cognitivo.

Utilizamos a detecção automática de pausas no software Praat (Boersma; Weenink, 2024) por meio da função de anotar *To Text Grid (silences)*. Para maximizar a precisão da segmentação e minimizar a marcação de pausas fisiológicas, como respirações suaves, foram utilizados os seguintes parâmetros: limiar de silêncio de -30 dB, duração mínima de pausa de 0,25 segundo e duração mínima de som de 0,05 segundo. Após a segmentação automática, cada pausa detectada foi escutada e categorizada manualmente conforme seu tipo. As pausas (*breaks*) foram classificadas

em quatro categorias: SIL (pausa silenciosa), FIL (pausa preenchida, como “éé...” ou “ah...”), HES (hesitação com prolongamento vocálico ou corte abrupto) e RESP (respiração audível). Apenas as pausas classificadas como SIL, FIL e HES foram consideradas na análise quantitativa e qualitativa; as RESP foram anotadas para controle, mas excluídas da análise por não refletirem diretamente processos de planejamento ou hesitação cognitiva, ou seja, por serem pausas fisiológicas.

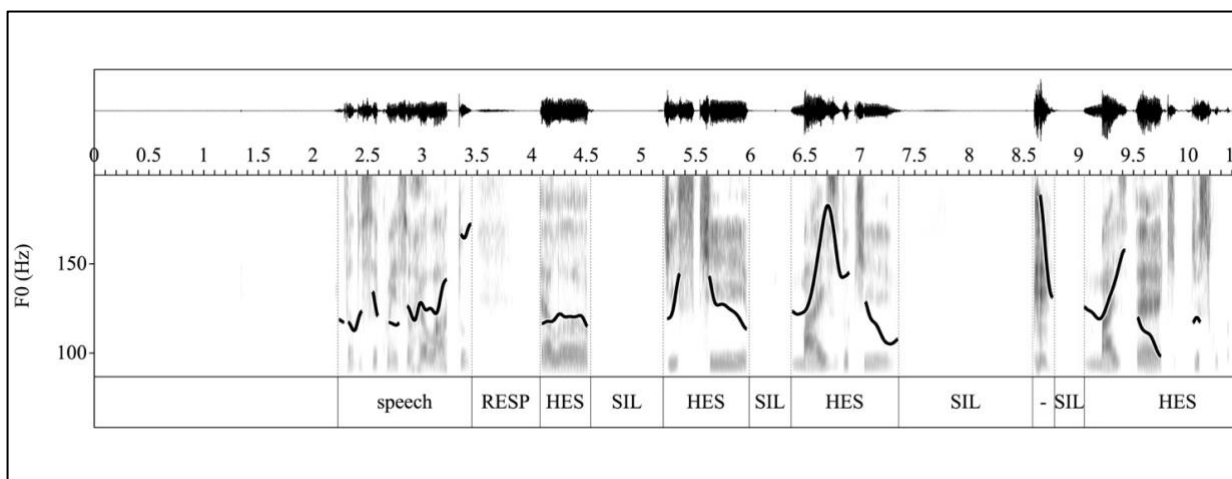
Abaixo, apresentamos o início da interpretação da parte 4 de cada um dos cinco participantes. Desse modo, objetivamos ilustrar a anotação e a performance inicial dos participantes no trecho analisado.

Figura 1 - Participante 01



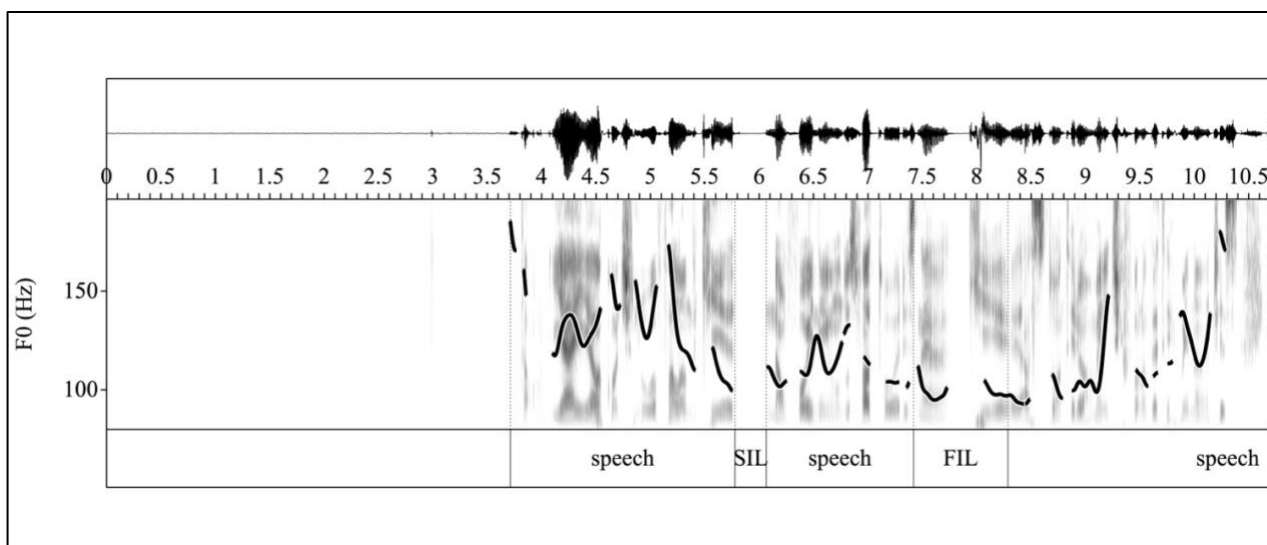
Fonte: elaborada pelo autor.

Figura 2 - Participante 02



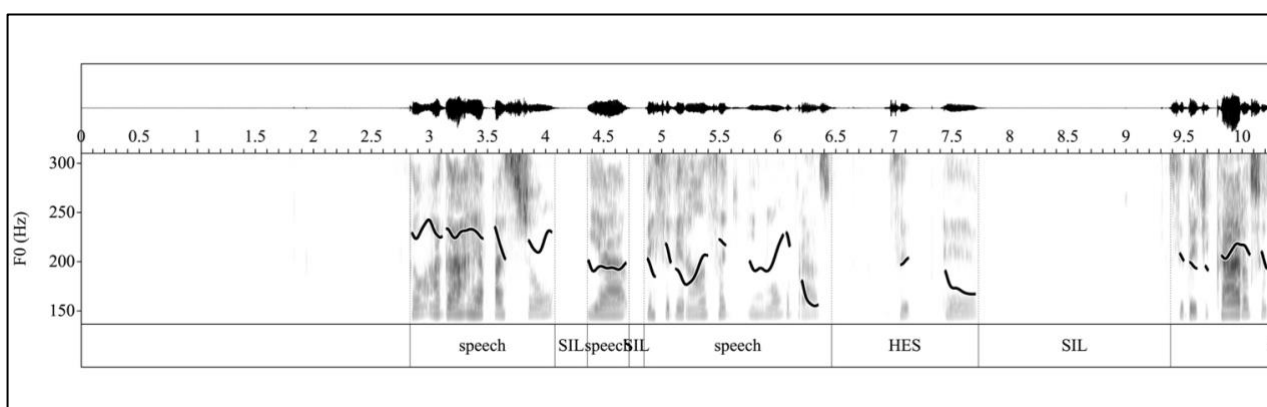
Fonte: elaborada pelo autor.

Figura 3 - Participante 03



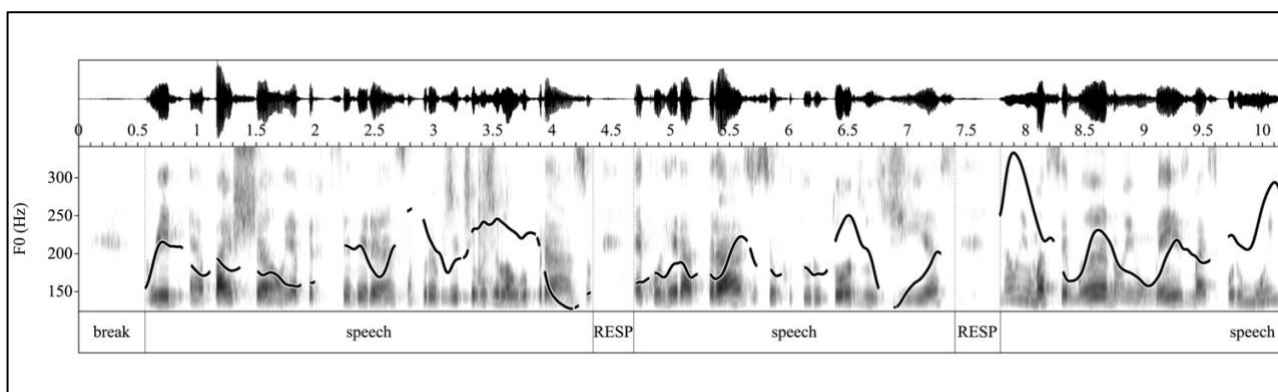
Fonte: elaborada pelo autor.

Figura 4 - Participante 04



Fonte: elaborada pelo autor.

Figura 5 - Participante 05



Fonte: elaborada pelo autor.

Os poucos segundos iniciais representam a latência inicial, isto é, o intervalo de tempo que existe entre o momento em que o vídeo é pausado e o momento em que os participantes começam a interpretar — salientamos que a latência inicial de alguns participantes é maior do que apresentada nas figuras acima, o quadro 3 a seguir explicita esse tempo de latência inicial por participante.

Quadro 3 - Latência inicial por participante

Participante	Latência inicial (s)
P1	1,93
P2	7,3
P3	11,2
P4	2,8
P5	0,6

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao compararmos o intervalo para começar a interpretar entre os participantes, a intérprete profissional (participante 05) possui um intervalo menor, 0,6s, em relação aos demais, que variam de 2,8s a 11,2s para começarem a interpretar. Ademais, é notório que, nos primeiros 10 segundos de interpretação, todos realizam algum tipo de pausa, à exceção da participante 05.

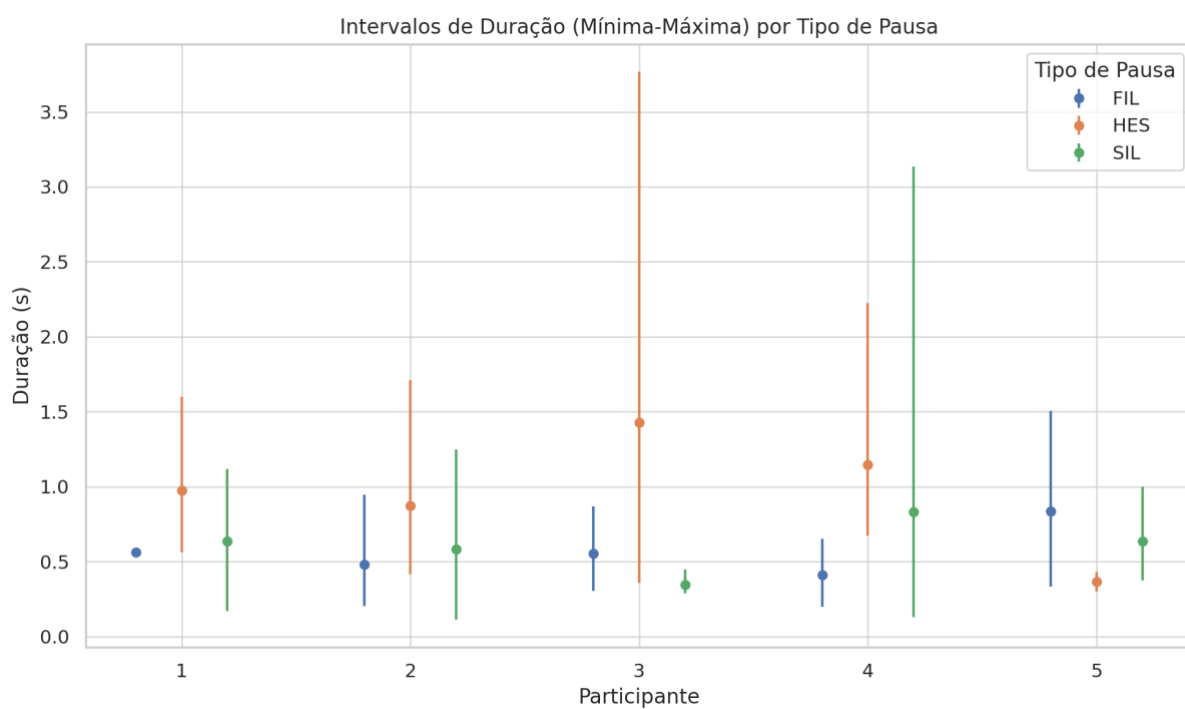
Abaixo, apresentamos o resumo do tipo e quantidade de pausas que cada participante realizou no trecho analisado no quadro 4. Em seguida, apresentamos o gráfico de intervalos de duração (Gráfico 1), de média de duração por tipo de *break* (Gráfico 2), bem como os gráficos de dispersão de *breaks* e duração por participante (Gráfico 3).

Quadro 4 - Resumo do tipo e total de pausas por participante

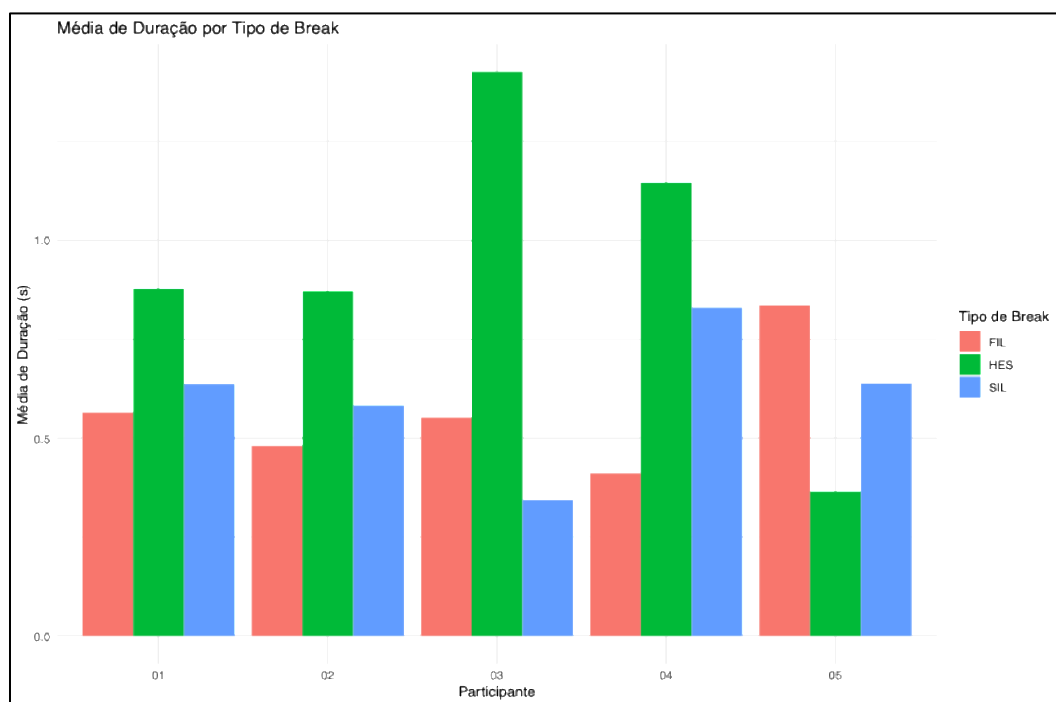
Participante	FIL	HES	SIL	Total
1	1	4	5	10
2	9	5	15	29
3	3	9	4	16
4	6	6	17	29
5	5	2	3	10

Fonte: elaborado pelo autor.

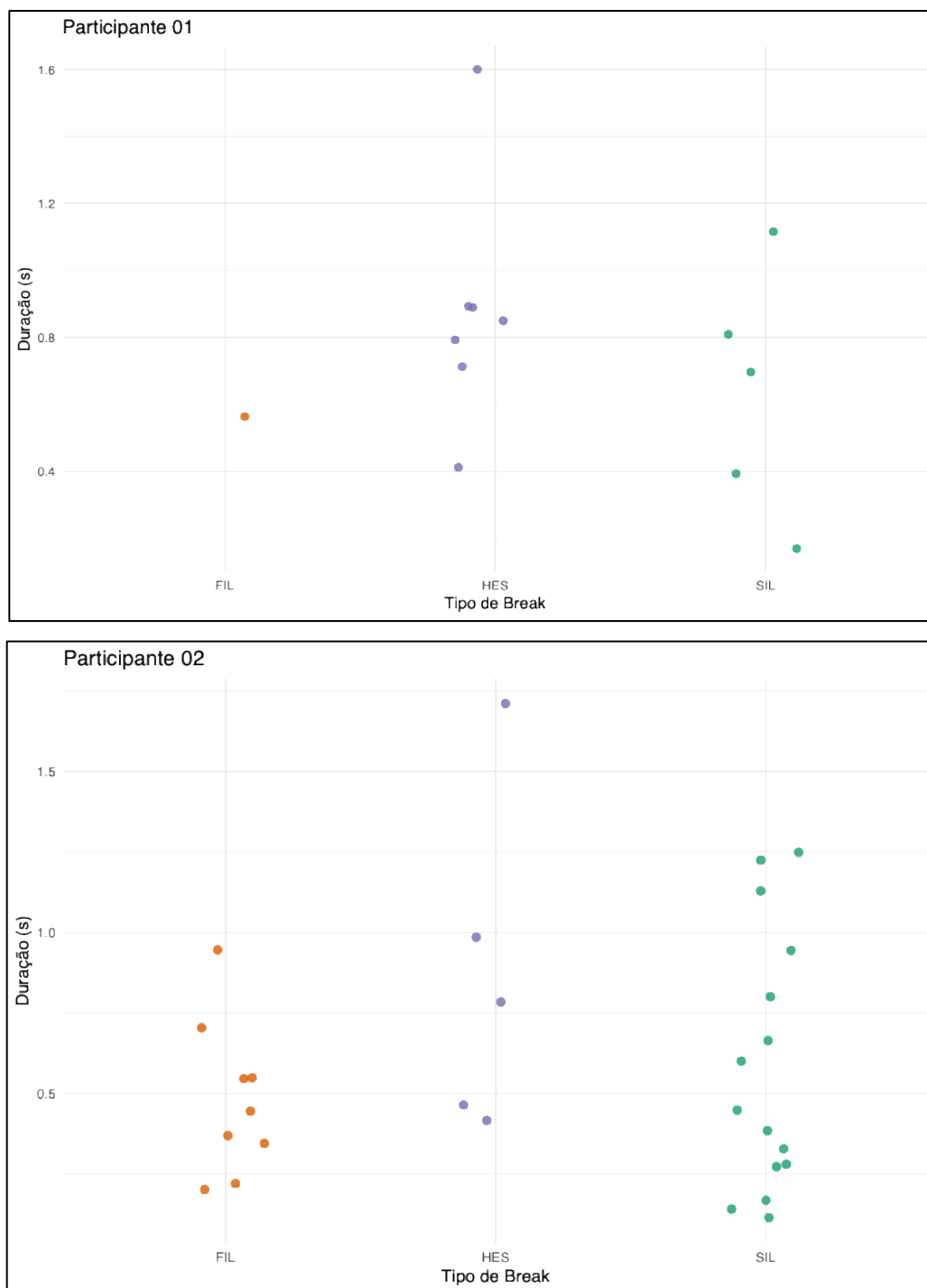
Gráfico 1 - Intervalos de Duração por tipo de pausa

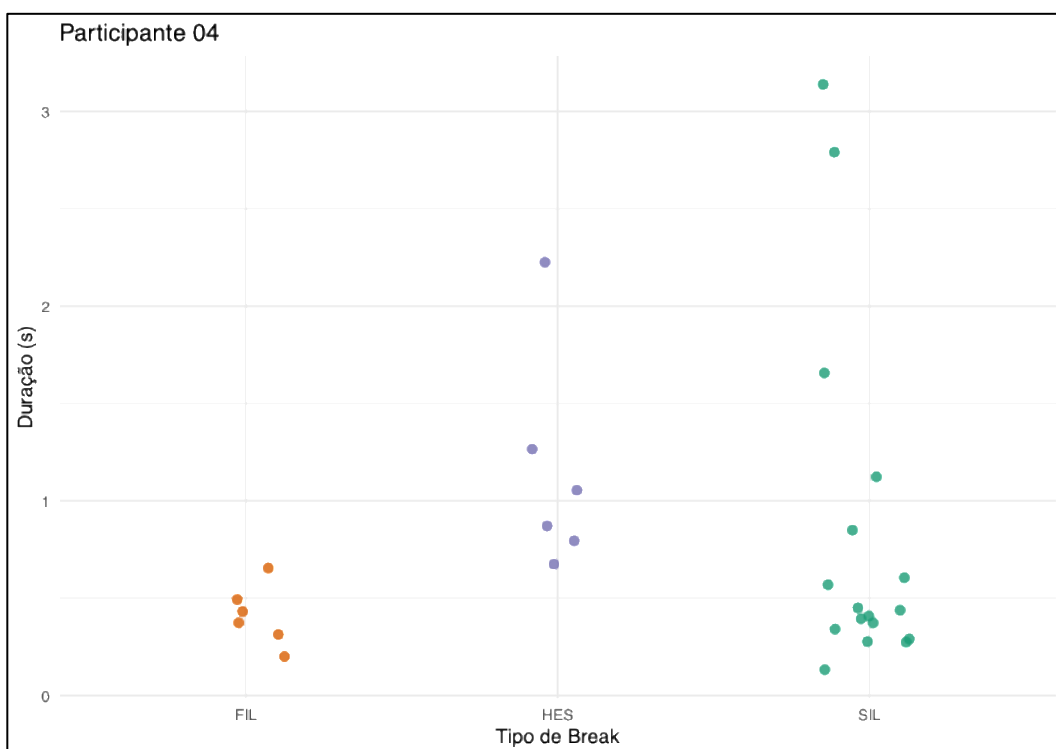
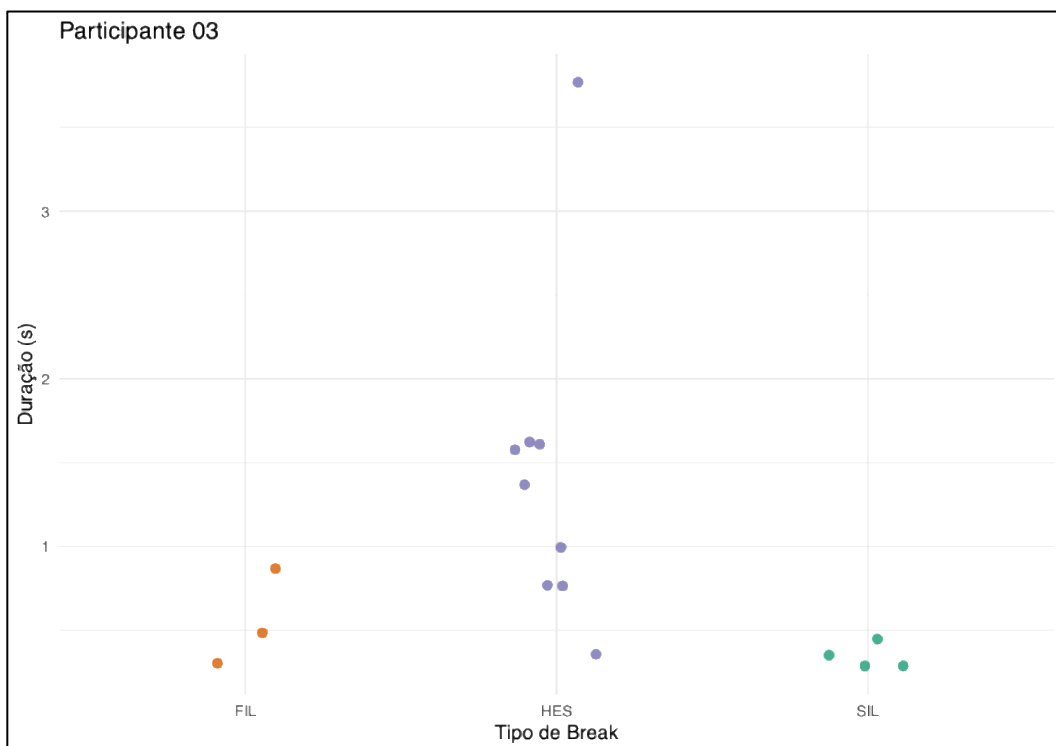


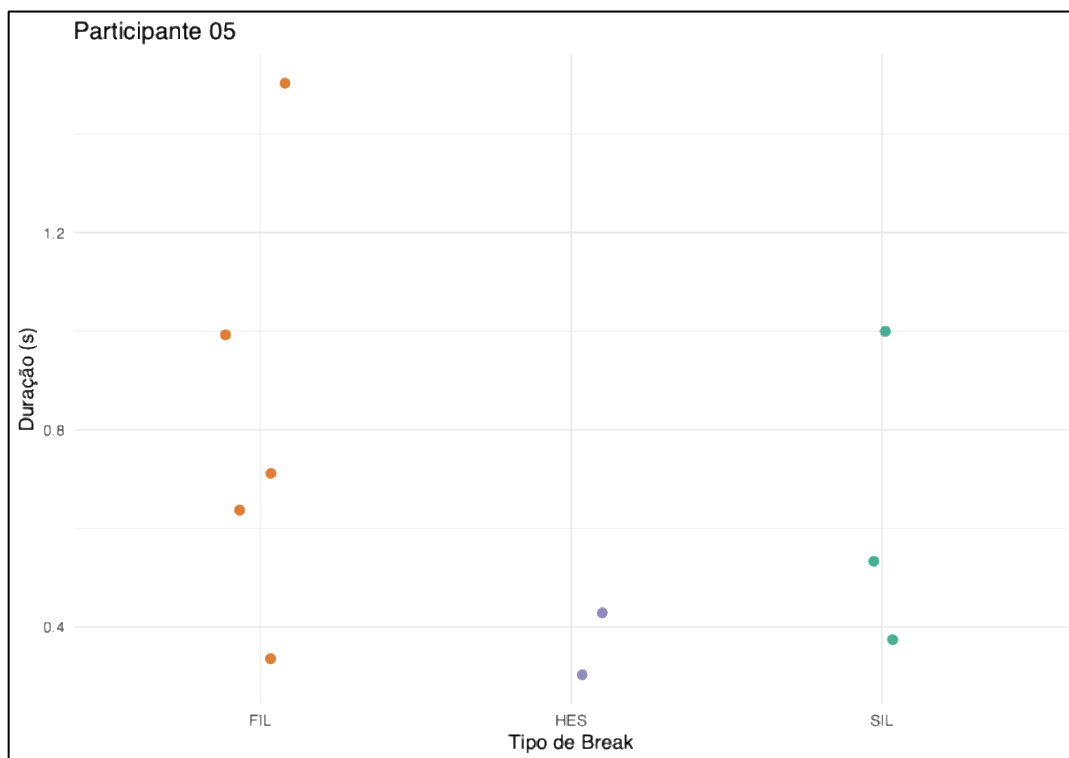
Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 2 - Média de duração por tipo de *break*

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 3 - Gráficos de dispersão de *breaks* por duração por participante





Fonte: elaborados pelo autor

No caso das pausas preenchidas (FIL), observa-se que a maior variação foi apresentada pela Participante 5 (P5), com uma amplitude de 1,173 segundos. Isso sugere um uso mais flexível e heterogêneo desse tipo de pausa, que pode ter oscilado entre hesitações breves mais prolongadas. Por outro lado, a Participante 1 (P1) apresentou variação nula, uma vez que produziu apenas uma ocorrência de pausa FIL — o que, embora inviabilize uma análise de consistência, evidencia uma baixa frequência de uso desse recurso.

As pausas do tipo hesitação (HES) foram aquelas que apresentaram a maior variabilidade entre todos os tipos analisados. O Participante 3 (P3) teve a maior amplitude de duração, com 3,411 segundos de diferença entre a menor e a maior hesitação registrada. Esse dado sugere um uso altamente oscilante desse tipo de pausa, o que pode estar associado a momentos de maior esforço cognitivo ou insegurança na formulação do discurso. Em contraste, o Participante 5 (P5) demonstrou a menor variação em HES (0,133 segundos), o que indica um padrão mais controlado e previsível nesse tipo de pausa.

No que diz respeito às pausas silenciosas (SIL), o maior intervalo de duração foi registrado também pela Participante 4 (P4), com uma diferença de 3,005 segundos. Esse resultado pode estar relacionado a momentos de maior sobrecarga de memória ou à necessidade de estruturar cognitivamente o conteúdo antes da produção oral, sugerindo o papel estratégico dos silêncios na organização do discurso. Por outro lado, o Participante 3 (P3) apresentou a menor variação em SIL (0,160 segundos), sinalizando um uso mais uniforme dos silêncios ao longo da tarefa.

3.6. ANÁLISE

A análise das pausas cognitivas — ou seja, pausas silenciosas, preenchidas e hesitações que refletem diretamente processos de planejamento, busca lexical e reorganização mental — revelou padrões informativos sobre o manejo do processamento linguístico na interpretação consecutiva. Diferentemente das pausas sintáticas, que não foram consideradas para análise neste estudo, essas pausas fornecem um indicador mais direto da demanda cognitiva enfrentada pelos participantes.

Os resultados deste estudo oferecem evidências empíricas que confirmam parcialmente as hipóteses formuladas. A hipótese H1, que postulava que intérpretes com maior experiência profissional apresentariam menor tempo de latência inicial para iniciar a interpretação, foi verificada: a intérprete profissional (P5) iniciou sua fala após apenas 0,6 segundo, seguido da intérprete experiente (P4) com 2,8 segundos, enquanto alguns estudantes apresentaram latências superiores, variando de 1,9 a 11,2 segundos, sugerindo que a experiência permite processar mais rapidamente o *input* e ativar o planejamento do discurso na língua-alvo. A hipótese H2, que previa que intérpretes profissionais dedicariam menor tempo total a pausas cognitivas, também foi corroborada pelos dados: a intérprete profissional (P5) somou apenas 6,8 segundos em pausas cognitivas ao longo do trecho analisado, contrastando com a intérprete experiente (P4) (23,4 segundos) e com os estudantes, que apresentaram valores intermediários, mas ainda substancialmente superiores. Por outro lado, a hipótese H3, que antecipava que intérpretes experientes exibiriam durações máximas de pausas cognitivas menores, encontrou confirmação apenas parcial: embora a intérprete profissional (P5) tenha, de fato, limitado sua pausa mais longa a 1,5

segundo, a intérprete experiente (P4) atingiu uma pausa máxima de 3,1 segundos, similar em amplitude às pausas máximas observadas nos estudantes, o que indica que mesmo intérpretes experientes podem, em determinados momentos, precisar de pausas mais extensas para reorganizar o discurso, especialmente frente a trechos potencialmente mais complexos.

Observou-se que as intérpretes experiente (P4) e profissional (P5) não apresentaram necessariamente menos pausas em número absoluto quando comparados aos estudantes; por exemplo, a intérprete experiente registrou um total de 29 pausas cognitivas, superando inclusive os estudantes, enquanto a intérprete profissional somou 10 pausas, equiparando-se ao participante 1 (também com 10). Entretanto, quando se observa o tempo total gasto em pausas cognitivas, torna-se evidente um contraste qualitativo importante: a intérprete experiente (P4) acumulou 23,4 segundos em pausas ao longo da tarefa, ao passo que a intérprete profissional (P5) somou apenas 6,8 segundos, revelando um manejo temporal muito mais econômico do tempo total de interrupção.

Esse controle também se reflete na duração máxima das pausas: a intérprete experiente (P4) chegou a realizar uma pausa de até 3,1 segundos, enquanto a intérprete profissional (P5) limitou sua pausa mais longa a 1,5 segundo, mesmo diante de trechos de complexidade equivalente. Ao considerar as durações mínimas, observa-se que todos os participantes produzem pequenas pausas cognitivas (por volta de 0,1 a 0,3 s), o que sugere microplanejamentos comuns a qualquer nível de expertise.

A análise se completa quando integrada ao dado da latência inicial — o tempo decorrido entre o término do trecho do vídeo e o início da interpretação consecutiva. A intérprete profissional (P5) iniciou sua produção após 0,6 segundo, enquanto a intérprete experiente (P4) precisou de 2,8 segundos, e os estudantes demonstraram latências variando de 1,9 a 11,2 segundos. Esse dado evidencia, de forma direta, a rapidez com que a intérprete profissional foi capaz de processar o segmento de entrada e começar a articular a resposta, contrastando com a necessidade prolongada de formulação nos participantes menos experientes.

Esses resultados dialogam com a perspectiva de Zellner (1994), que descreve as pausas como balizas prosódicas fundamentais, funcionando tanto para o planejamento cognitivo quanto para a organização perceptiva do discurso para o ouvinte. Também convergem com o estudo longitudinal de Bakti e Bóna (2023), que

mostrou que o treinamento não necessariamente reduz o número total de pausas cognitivas, mas transforma sua dinâmica temporal — tornando-as globalmente mais curtas e estrategicamente distribuídas.

Por fim, retomamos os conceitos de Freitag (2019) acerca do papel das funções executivas no processamento tradutório textual, especialmente o *updating*, o controle inibitório e o *shifting*, processos críticos para atualizar informações, suprimir impulsos automáticos e alternar rapidamente entre registros linguísticos e culturais. A autora não encontrou associações entre o controle inibitório e o *updating* com o grau de literalidade nas traduções escritas que investigou. Aqui, embora não tenhamos mensurado as funções executivas dos participantes, é plausível considerar que, em uma tarefa de interpretação consecutiva, essas duas funções, além da função de *shifting*, parecem ser cruciais. Defendemos a hipótese de que as pausas cognitivas que estudamos aqui, em termos de quantidade e de duração, podem sinalizar as consequências de capacidades menores das funções executivas dos alunos em relação aos intérpretes mais proficientes.

Nossos resultados sugerem que, assim como na tradução escrita, tais funções parecem se manifestar na interpretação consecutiva, não apenas no conteúdo verbal traduzido, mas também no tempo total dedicado a pausas cognitivas e no atraso inicial para começar a interpretar, compondo um indicador integrado de fluência e gestão da carga cognitiva. Assim, mais do que o simples número de pausas, esta análise parece indicar que é a soma temporal das interrupções, sua extensão máxima e a prontidão em iniciar a interpretação que distinguem, de maneira contundente, intérpretes em diferentes estágios de *expertise*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou avaliar o papel das pausas cognitivas e da experiência tradutória entre alunos e intérpretes experientes e profissionais.

Nossos resultados oferecem contribuições valiosas para a formação de intérpretes e para a compreensão das demandas cognitivas que permeiam a interpretação consecutiva. Sobretudo, destacam a importância de se trabalhar, no âmbito pedagógico, não apenas o enriquecimento lexical e a equivalência terminológica, mas também o controle temporal e estratégico das pausas cognitivas, bem como o desenvolvimento da capacidade de iniciar prontamente a produção interpretativa após a escuta do input.

Contudo, é importante reconhecer as limitações do presente estudo, tais como o número restrito de participantes e o fato de se ter analisado apenas um trecho intermediário da tarefa, o que pode não capturar variações ao longo do esforço interpretativo total — a parte 5 também reflete um trecho intermediário da tarefa. Ainda, os resultados encontrados podem ter sido influenciados pela falta ou presença de conhecimento prévio, ou seja, a bagagem semântica de cada participante acerca do assunto tratado no vídeo. A única informação compartilhada controlada entre os participantes foi o que consta no Apêndice 2 e recomendamos que estudos futuros mensurem a quantidade e qualidade de conhecimento prévio sobre o assunto que será interpretado pelos participantes a fim de controlar essa variável.

Ainda assim, ao evidenciar diferenças robustas na soma temporal das pausas cognitivas, nas durações máximas e mínimas e na rapidez em iniciar a interpretação entre intérpretes de diferentes níveis de experiência, o trabalho contribui para ampliar a compreensão de como habilidades cognitivas e prosódicas se entrelaçam na interpretação consecutiva. Ademais, destacamos que é possível que haja um aumento de pausas depois que um erro de interpretação foi percebido, o que evidencia novamente uma carga cognitiva alta, motivando a ocorrência das pausas. Análises futuras poderão verificar essa hipótese correlacionando a acurácia da interpretação com a ocorrência de pausas.

Além disso, reforçamos a pertinência de pesquisas futuras que olhem para as funções executivas em tarefas de interpretação (consecutiva e simultânea) e que se observem, não só a acuidade da interpretação, ou seja, o conteúdo interpretado, mas também aspectos prosódicos, como as pausas, a frequência fundamental entre outros. Esses aspectos podem servir como janelas para o processamento *online* do

intérprete que, com a prática, podem ser aperfeiçoados para se chegar à excelência de um intérprete profissional, priorizando, além da acuidade do conteúdo, a clareza em sua retórica.

REFERÊNCIAS

- AIIC (Association Internationale des Interprètes de Conférence). *Advice to students wishing to become conference interpreters*. Genebra: AIIC, s.d. Disponível em: <https://aiic.org>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- BARBOSA, Plínio A. *Prosódia*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019. (Linguística para o ensino superior, 2).
- _____. *Manual de Prosódia Experimental*. 1. ed. [s.l.]: Editora da Abralin, 2022. Disponível em: <https://editora.abralin.org/>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- BOERSMA, Paul; WEENINK, David. *Praat: doing phonetics by computer* [Computer program]. 2024. Version 6.4.05, retrieved 27 January 2024 from <http://www.praat.org/>
- BAKTI, Mónika; BÓNA, Judit;. Disfluency in consecutive interpreting: A longitudinal perspective. *Interpreting*, Amsterdam, v. 25, n. 1, p. 26–56, 2023.
- BRAUN, Sabine. *Technology and interpreting*. In: O'HAGAN, Minako, org. *Routledge handbook of translation and technology*. London: Routledge, 2019.
- CAVALLO, Patrizia. *A carga cognitiva em interpretação simultânea e as diferenças entre intérpretes e bilíngues*. *TradTerm*, São Paulo, v. 25, 2015, p. 61–68. Disponível em: <https://revistas.usp.br/tradterm/article/view/103054>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- CHRISTOFFELS, Ingrid.; DE GROOT, Annette. Simultaneous interpreting: a cognitive perspective. In: KROLL, Judith. F.; DE GROOT, Annette., orgs. *Handbook of bilingualism*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 454–479. Disponível em: <https://tinyurl.com/ycxmd8yn>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- CHRISTOFFELS, Ingrid; DE GROOT, Annette; KROLL, Judith F. Working memory in simultaneous interpreters. In: *Memory, language and bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística: Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, dez. de 2016, p. 83-101.
- GILE, Daniel. *Basic concepts and models for interpreter and translator training*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HAMIDI, Mehrdad; PÖCHHACKER, Franz. Simultaneous consecutive interpreting: a new technique put to the test. *Meta*, v. 52, n. 2, 2007, p. 276–289.

HERBERT, Jean. How conference interpretation grew. In: GERVER, D.; SINAIKO, H., orgs. *Language, interpretation and communication*. New York: Plenum Press, 1978.

HUANG, Jixin. Construction of Short-Term Memory Training Model in Consecutive Interpretation. *Theory and Practice in Language Studies*, v. 11, n. 10, p. 1300–1307, 2021. Disponível em:

<https://tpls.academypublication.com/index.php/tpls/article/download/1618/1317/5438>.

Acesso em: 30 dez. 2024.

IBANEZ, Frédéric. *Interpretação simultânea e consecutiva – Por que motivo são tão diferentes?*. Blog Alpatrad, 17 ago. 2023. Disponível em: <https://tinyurl.com/3wj3mz9t>. Acesso em: 15 jul. 2025.

KURZ, Ingrid; RUSSELL, Debra. Conference interpreting and interpreting teams: pilot study on information retention and stress. In: *Conference interpreting and interpreting teams*. [S.l.]: [s.n.], 2000.

MOSER-MERCER, Barbara. Paradigms gained or the art of productive disagreement. In: LAMBERT, S.; MOSER-MERCER, B., orgs. *Bridging the gap: empirical research in simultaneous interpretation*. Amsterdam: John Benjamins, 1994.

ORLANDO, Marc. Digital pen technology and consecutive interpreting: another dimension in note-taking training and assessment. *The Interpreters' Newsletter*, v. 15, p. 84–101, 2010.

PAGURA, Reynaldo J. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *DELTA*, v. 19, n. esp., 2003, p. 125–146.

_____. Formação de intérpretes: a consecutiva como base da simultânea. *TradTerm*, v. 23, 2014, p. 109–120.

PINTO, Sarah; QUENTAL, Deborah. Sim-consec: benefícios e desafios da técnica. *Tradução em Revista*, n. 32, 2022, p. 129–149.

PÖCHHACKER, Franz. *Introducing interpreting studies*. London; New York: Routledge, 2004.

RICCARDI, Alessandra. On the evolution of interpreting strategies in simultaneous interpreting. *Meta: Translators' Journal*, Montreal, v. 50, n. 2, p. 753–767, 2005.

SELESKOVITCH, Danica; LEDERER, Marianne. *Interpréter pour traduire*. Paris: Didier Érudition, 1984. (Edição em inglês: *A systematic approach to teaching interpretation*, RID, 1995).

SELESKOVITCH, Danica. *Interpreting for international conferences*. Washington, DC: Pen & Booth, 1978.

APÊNDICE 1



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa **"Interpretação consecutiva e manutenção de aspectos prosódicos"**. O motivo que nos leva a estudar esse tema é observar as semelhanças e diferenças no uso da língua inglesa por brasileiros aprendizes de inglês como segunda língua em uma tarefa de interpretação. Nesta pesquisa, pretendemos investigar o modo como adultos falantes do português brasileiro (PB) bilíngues (aprendizes de inglês) fazem uso de diferentes recursos da língua (combinação de palavras, melodia da frase, p.ex.) durante uma tarefa de interpretação consecutiva.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades: você executará uma tarefa de interpretação consecutiva de um vídeo com o auxílio de um computador/gravador para gravar sua voz. A tarefa consiste em interpretar consecutivamente um vídeo disponível no YouTube ou TedTalk acerca de temas genéricos do tipo palestra ou exposição (como educação, turismo, viagens). O vídeo será em inglês e será pausado aproximadamente a cada 1min, respeitando o assunto do vídeo para realizar uma pausa oportuna. Você deve começar a interpretação em português assim que a pausa no vídeo acontece, procedimento que se repete cinco vezes até o final do vídeo. Será necessária a anotação com auxílio de caneta e papel que poderá ser do próprio participante ou fornecidos pelo pesquisador. Além disso, após a atividade, faremos o preenchimento de um questionário de background linguístico, que conta com algumas perguntas sobre sua experiência de vida com línguas. A atividade não tem nenhum caráter de avaliação do desempenho e/ou de conhecimento da língua, e dura entre 15 e 20 minutos. A pesquisa contribuirá para o entendimento dos processos de produção de língua por falantes nativos do PB e para os estudos processuais da tradução. Esta pesquisa tem alguns riscos classificados como riscos mínimos, tais como a possibilidade de identificação da(d) participante. Para diminuir a chance desses riscos acontecerem, todos os nomes dos participantes serão trocados por códigos numéricos em apresentações públicas. O nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20__.

Assinatura do Participante

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Nome do Pesquisador Responsável: **Thales Nascimento Buzan**
Campus Universitário da UFJF
Faculdade/Departamento/Instituto: **Faculdade de Letras – UFJF**
CEP: **36036-900**
Fone: **(32)991058614**
E-mail: **thales.buzan@estudante.ufjf.br**

Rubrica do Participante de pesquisa
ou responsável: _____
Rubrica do pesquisador: _____

O CEP avalia protocolos de pesquisa que envolvem seres humanos, realizando um trabalho cooperativo que visa, especialmente, à proteção dos participantes de pesquisa do

Brasil. Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: **cep.propp@ufjf.br**

APÊNDICE 2

Introdução lida aos participantes antes do início da gravação

“Deixando um cargo de alto nível na área de consultoria, Angela Lee Duckworth tornou-se professora de matemática de alunos do sétimo ano em escolas públicas da cidade de Nova Iorque. Ela imediatamente percebeu que o Q.I. não era a única coisa que separava alunos bem-sucedidos de alunos com dificuldades. Aqui, ela nos explica sua teoria da “determinação como indicador de sucesso.”

APÊNDICE 3

Número do participante:

Estudo:

Questionário de histórico linguístico do participante

A. Informações pessoais

- Ano de nascimento: _____
- Local de nascimento: Cidade _____ País _____
- Ocupação: _____
- Escolaridade: ☐ Ensino Médio ☐ Graduação ☐ Pós-graduação

B. Primeira língua

Qual a sua primeira língua? _____

Qual a primeira língua da(o): sua mãe? _____ seu pai? _____

Você aprendeu essa língua desde o nascimento? ☐ Sim ☐ Não

- Se você respondeu "não" à pergunta anterior, por favor explique:

Qual(is) língua(s) você falava em casa quando era criança? _____

Sua primeira língua é a língua na qual você se comunica com mais conforto? ☐ Sim ☐ Não

- Se você respondeu "não" à pergunta anterior, por favor explique:

C. Educação e uso linguístico

Em qual(is) línguas você foi formalmente educado? Onde (país)?

Ensino Fundamental _____

Ensino Médio _____

Universidade _____

Qual(is) língua(s) você usa (indique uma porcentagem aproximada):

Na universidade _____

Em casa _____

No trabalho _____

Em momentos de lazer _____

D. Segunda(s) língua(s)

	Segunda(s) língua(s)	
	A.	B.
Com qual idade você começou a aprender sua segunda língua?		
Onde você aprendeu sua segunda língua? Local e período.		
Seus professores eram nativos dessa língua?		
Você aprendeu essa língua como uma disciplina ou como o meio de instrução?	☐ Disciplina ☐ Meio de instrução	☐ Disciplina ☐ Meio de instrução
Você já passou tempo em um lugar onde essa língua era a língua nativa?	Onde? Por quanto tempo?	Onde? Por quanto tempo?
Aproximadamente quantas horas por semana você usa essa língua? Especifique para a fala, escuta e leitura.	Fala: _____ horas Escuta: _____ horas Leitura: _____ horas	Fala: _____ horas Escuta: _____ horas Leitura: _____ horas

- Por favor indique sua habilidade linguística de cada segunda língua nas seguintes áreas abaixo

	Iniciante	Intermediário	Avançado	Quase nativo
LEITURA				
Língua A				
Língua B				
ESCRITA				
Língua A				
Língua B				
FALA				
Língua A				
Língua B				
ESCUITA				
Língua A				
Língua B				
COMPETÊNCIA GERAL				
Língua A				
Língua B				

Você sabe outras línguas? Por favor especifique:
